



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE



CRISLAINE DOS SANTOS LIMA

**LÍNGUA PORTUGUESA NA ERA DIGITAL E DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:
A GERAÇÃO ALPHA EM FOCO**

Campo Grande/MS
2024

CRISLAINE DOS SANTOS LIMA

**LÍNGUA PORTUGUESA NA ERA DIGITAL E DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:
A GERAÇÃO ALPHA EM FOCO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

Linha de Pesquisa: Língua, Discurso e Sociedade

Orientadora: Prof^a Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel

Coorientador: Prof. Dr. Paulo Gerson Rodrigues Stefanello

Campo Grande/MS
2024

L6961 Lima, Crislaine dos Santos

Língua portuguesa na era digital e da inteligência artificial: a geração alpha em foco/
Crislaine dos Santos Lima. – Campo Grande, MS: UEMS, 2024.
97 p.

Dissertação (Mestrado) – Letras – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul,
2025.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel
Coorientador: Prof. Dr. Paulo Gerson Rodrigues Stefanello

1. Ensino de Língua Portuguesa. 2. Tecnologias educacionais. 3. Inteligência artificial –
Educação. 4. Geração Alpha – Aprendizagem. I. Jesus, Djanires Lageano Neto de II. Título

CDD 23. ed. - 418.0071

Ficha Catalográfica elaborada pela bibliotecária da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)
Joyce Mirella dos Anjos Viana, CRB nº 3530 - 1ª Região.

CRISLAINE DOS SANTOS LIMA

**LÍNGUA PORTUGUESA NA ERA DIGITAL E DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:
A GERAÇÃO ALPHA EM FOCO**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Estudos Linguísticos

COMISSÃO EXAMINADORA

Profª Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel (Presidente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Paulo Gerson Rodrigues Stefanello (Coorientador)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. Adair Vieira Gonçalves
Universidade Federal da Grande Dourados/UFGD

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Prof. Dr. José Herbertt Neves Florencio (Suplente)
Universidade Federal de Pernambuco/UFPE

Prof. Dr. Andre Rezende Benatti (Suplente)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

Campo Grande/MS, 11 de fevereiro de 2025.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Programa Institucional de Bolsas aos alunos de Pós-Graduação (PIBAP) da UEMS em parceria com a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES).

*Àquele que é o autor da vida e mestre do conhecimento,
dedico esta obra. Obrigada Deus,
o que seria de mim sem a fé que eu tenho no Senhor.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, manifesto minha profunda gratidão a Deus, cuja presença constante iluminou meus caminhos, mesmo nos momentos de cansaço e desânimo, fortalecendo-me para seguir em frente. Sua infinita bondade foi o alicerce que me sustentou em todos os desafios desta jornada.

Agradeço de coração aos meus pais, Sr. Hélio e Dona Maria Vilani, pilares de inspiração e apoio em minha vida. Sua dedicação e sacrifício ao longo dos anos, especialmente na criação de nossa família, foram fundamentais para minha formação. Sou imensamente grata por terem me ensinado que a educação é o caminho mais seguro para a realização de sonhos e a transformação de vidas.

Ao meu esposo, Mailson, e aos meus amados filhos, Maria Clara e Caio Luiz, expresso minha eterna gratidão pelo apoio incondicional e pela compreensão nos momentos em que precisei me dedicar aos estudos. Sua presença em minha vida é a maior motivação para que eu continue buscando meus objetivos com determinação e perseverança.

Dirijo também meus sinceros agradecimentos à minha irmã, aos amigos queridos, à minha estimada sogra, aos cunhados, cunhadas, sobrinhos e a todos aqueles que, por meio de orações e vibrações positivas, me fortaleceram ao longo desta trajetória. Cada gesto de carinho e incentivo foi essencial para a concretização deste projeto.

Um reconhecimento especial à minha diletta amiga, a ilustre Prof^a Dra. Juceli Gonzalez Gouveia, minha primeira incentivadora no caminho do mestrado. Sua sabedoria, generosidade e luz têm sido fonte constante de inspiração em minha trajetória acadêmica e pessoal.

À minha orientadora, Prof^a Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel, expresso minha profunda gratidão por sua paciência, dedicação e orientação ao longo deste processo. Sua capacidade de respeitar minhas limitações, ao mesmo tempo em que me inspirava a avançar, foi fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Levarei para sempre em minha memória não apenas os conhecimentos adquiridos, mas também as marcas de sua educação, gentileza, colaboração e competência.

Ao meu coorientador, Prof^o Dr. Paulo Gerson Rodrigues Stefanello, agradeço pelo apoio e direcionamento nos momentos de dificuldade. Sua expertise, profissionalismo e críticas construtivas foram essenciais para o meu crescimento como pesquisadora. Sou imensamente grata por seus valiosos conselhos e pela dedicação demonstrada em cada etapa deste trabalho.

Ao Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes, manifesto minha gratidão por sua generosidade ao me receber como estagiária no Campus das Moreninhas. Suas orientações, cuidado e compartilhamento de conhecimento foram de extrema importância para minha formação. Jamais esquecerei de suas contribuições e do apoio que me proporcionou.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UEMS de Campo Grande pela oportunidade de construir conhecimentos e pelo incentivo ao desenvolvimento de mecanismos que promovem a democratização do saber científico na área de Letras. Esta instituição foi essencial para minha formação acadêmica e profissional.

Aos membros da banca examinadora e do exame de qualificação, expresso minha sincera gratidão por aceitarem participar deste trabalho, dedicando seu tempo e conhecimento para contribuir com análises e reflexões valiosas. Suas observações foram fundamentais para o aprimoramento desta pesquisa.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta conquista. Este trabalho representa mais um passo em minha jornada de busca contínua por conhecimento e reflexão crítica, com o objetivo de evitar a disseminação de ideias superficiais e infundadas. Acredito que o futuro da humanidade está em constante evolução, e espero poder contribuir, por meio de minhas reflexões, para a construção de uma educação mais igualitária, acolhedora e crítica.

“A caneta é capaz de transformar
e mudar o destino de um povo.
Quem viveu só comendo o puro ovo
pode um dia provar do caviar.
Já vi gente que, por ter como estudar,
se mudou do barraco pra mansão.
Batalhando com total dedicação
conseguiu ter a vida menos dura.
Um país desnutrido de leitura
só se salva comendo educação.”

A nação que investe em sua gente
nunca tem desperdício ou prejuízo.
Observo atento e analiso:
só se muda agindo diferente.
O poder de um povo está na mente,
é a chave que abre essa prisão,
é a luz que aponta a direção
pra seguir por qualquer estrada escura.
Um país desnutrido de leitura
só se salva comendo educação.”

Bráulio Bessa

LIMA, CRISLAINE DOS SANTOS. *Língua Portuguesa na era Digital e da Inteligência Artificial: A Geração Alpha em Foco*. 2024. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024.

RESUMO

Esta dissertação, inserida na área de concentração de Estudos Linguísticos, tem como objetivo analisar os desafios contemporâneos do ensino da Língua Portuguesa para a Geração Alpha — indivíduos nascidos a partir de 2010, totalmente imersos no universo digital e tecnológico. O estudo busca investigar o impacto da Inteligência Artificial (IA) e das tecnologias digitais no ensino da língua, com foco nos gêneros discursivos mais populares entre esses alunos, como mensagens instantâneas, postagens em redes sociais, memes e vídeos curtos. A pesquisa visa compreender como esses gêneros influenciam as práticas de letramento e comunicação dos estudantes, bem como refletir sobre práticas pedagógicas eficazes para integrar a tecnologia ao ensino da Língua Portuguesa, promovendo o engajamento dos alunos e o desenvolvimento de suas competências linguísticas. A partir de uma abordagem teórica fundamentada em autores como Bagno (2007), Travaglia (2009), Marcuschi e Xavier (2010) e Bortoni-Ricardo (2004), entre outros teóricos, nosso estudo explora as transformações nos gêneros textuais e discursivos na era digital, destacando a necessidade de adaptação das práticas pedagógicas a essas novas demandas. Além disso, são analisadas as dificuldades enfrentadas pelos professores para incorporar ferramentas digitais, como aplicativos e plataformas educacionais, em suas práticas docentes, bem como a importância da formação contínua para o uso eficaz dessas tecnologias. Com base em pesquisas recentes, como o estudo do Sindicato das Mantenedoras do Ensino Superior (SEMESP) e o estudo publicado no Portal de Periódicos da UFRGS sobre a aplicação de IA no ensino, a dissertação aborda os impactos da IA e das tecnologias digitais nas práticas educacionais e na formação docente. O trabalho propõe estratégias pedagógicas que equilibrem o consumo rápido de informação, característico da Geração Alpha, com a reflexão crítica e a interpretação profunda, incentivando os alunos a compreenderem a língua como um sistema dinâmico e em constante transformação, sem negligenciar as normas cultas e a variação linguística. Por fim, este estudo busca contribuir para o aprimoramento do ensino da Língua Portuguesa, propondo metodologias inovadoras que integrem literatura, cultura digital e temas contemporâneos. O objetivo é tornar o aprendizado mais significativo, atrativo e alinhado às necessidades e características da Geração Alpha, preparando os estudantes para os desafios comunicativos do século XXI.

Palavras-chave: Geração Alpha; letramento; digital; ensino; Língua Portuguesa; Inteligência Artificial; ChatGPT; educação;

LIMA, CRISLAINE DOS SANTOS. *Portuguese Language in the Digital and Artificial Intelligence Era: The Alpha Generation in Focus*. 97 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2024.

ABSTRACT

This dissertation, included in the Linguistic Studies area of concentration, aims to analyze the contemporary challenges of teaching Portuguese to Generation Alpha — individuals born after 2010, fully immersed in the digital and technological universe. The study seeks to investigate the impact of Artificial Intelligence (AI) and digital technologies on language teaching, focusing on the most popular discursive genres among these students, such as instant messages, social media posts, memes, and short videos. The research aims to understand how these genres influence students' literacy and communication practices, as well as to reflect on effective pedagogical practices for integrating technology into Portuguese language teaching, promoting student engagement and the development of their linguistic skills. Based on a theoretical approach based on authors such as Bagno (2007), Travaglia (2009), Marcuschi and Xavier (2010) and Bortoni-Ricardo (2004), among other theorists, our study explores the transformations in textual and discursive genres in the digital age, highlighting the need to adapt pedagogical practices to these new demands. In addition, the difficulties faced by teachers in incorporating digital tools, such as applications and educational platforms, into their teaching practices are analyzed, as well as the importance of continuous training for the effective use of these technologies. Based on recent research, such as the study by the Union of Higher Education Institutions (SEMESP) and the study published in the UFRGS Journal Portal on the application of AI in teaching, the dissertation addresses the impacts of AI and digital technologies on educational practices and teacher training. The work proposes pedagogical strategies that balance the rapid consumption of information, characteristic of Generation Alpha, with critical reflection and in-depth interpretation, encouraging students to understand language as a dynamic and constantly changing system, without neglecting formal norms and linguistic variation. Finally, this study seeks to contribute to the improvement of Portuguese language teaching, proposing innovative methodologies that integrate literature, digital culture and contemporary themes. The goal is to make learning more meaningful, attractive and aligned with the needs and characteristics of Generation Alpha, preparing students for the communicative challenges of the 21st century.

Keywords: Generation Alpha; literacy; digital; teaching; Portuguese language; Artificial Intelligence; ChatGPT; education;

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 01	25
FIGURA 02	34
FIGURA 03	47
FIGURA 04	66
FIGURA 05	67
FIGURA 06	67
FIGURA 07	69
FIGURA 08	70
FIGURA 09	71
FIGURA 10	72
FIGURA 11	73
FIGURA 12	73
FIGURA 13	75
FIGURA 14	77
FIGURA 15	79
FIGURA 16	80

LISTA DE SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CHATGPT	Chat Generative Pre-Trained Transformer
FMI	Fundo Monetário Internacional
IA	Inteligência Artificial
IAG	Inteligência Artificial Generativa
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
ISD	Teoria do Interacionismo Sociodiscursivo
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNED	Política Nacional de Educação Digital
RLHF	Reinforcement Learning With Human Feedback
SEMESP	Sindicato das Mantenedoras do Ensino Superior
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sumário

INTRODUÇÃO	15
1. PERFIS GERACIONAIS: DESVENDANDO AS MARCAS DE CADA ERA	21
1.1 A Evolução das Gerações: Características que Moldam o Tempo	25
1.1.1 Veteranos.....	25
1.1.2 Baby Boomers.....	26
1.1.3 Geração X.....	27
1.1.4 Geração Y.....	28
1.1.5 Geração Z.....	29
1.1.6 Geração Polegar	30
1.1.7 Geração Alpha.....	31
2. SOCIOLINGUÍSTICA E TECNOLOGIA: O IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	36
2.1 A Interseção entre Educação Linguística e Inteligência Artificial: Repensando o Ensino de Língua Portuguesa no Século XXI.....	37
2.2 Inteligência Artificial na Educação: Uma Revolução no Processo de Aprendizado	43
2.3 Explorando a Relação entre IA e Aprendizagem da Geração Alpha	47
3. ANÁLISE SOBRE OS GÊNEROS DIRCURSIVOS DIGITAIS E SUA UTILIZAÇÃO PARA A GERAÇÃO ALPHA	52
3.1 O ensino de língua portuguesa e os gêneros emergentes na era da virtualidade.	58
3.2. - Análise sobre o acesso e utilização das Tecnologias e Inteligência Artificial em Sala de Aula	66
3.3. – Análise sobre o uso de ChatGPT em sala de aula	75
3.4 – O uso de gêneros textuais digitais em sala de aula – Algumas considerações e sugestões.....	82
CONSIDERAÇÕES FINAIS	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91

INTRODUÇÃO

O estudo do ensino de língua portuguesa na era das novas tecnologias e da inteligência artificial (IA) é de extrema importância, pois reflete as transformações sociais, culturais e educacionais impulsionadas pela digitalização e pela automação. O objeto de estudo do nosso trabalho visa analisar como ferramentas digitais e sistemas de IA podem potencializar o aprendizado da língua portuguesa, promovendo a personalização do ensino, a interatividade e o acesso a recursos multimodais com enfoque na Geração Alpha e vindouras. Além disso, o estudo possibilita investigar os desafios éticos, pedagógicos e sociais decorrentes dessa integração, como a formação docente, a inclusão digital e a preservação da diversidade linguística, além da percepção dos alunos sobre a importância da Língua Portuguesa em sua comunicação, assim como propõe a Base Nacional Comum Curricular (BNCC):

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades. (Brasil, 2018, p. 16)

A escolha deste tema justifica-se a partir da observação, em sala de aula, das dificuldades enfrentadas pelos alunos em dominar e aplicar a norma culta da língua portuguesa de acordo com suas necessidades comunicativas. O ensino da língua para uma geração profundamente imersa no universo digital e tecnológico apresenta desafios complexos, que refletem as profundas transformações nos modos de acesso à informação e na dinâmica das interações comunicativas.

Dentre esses desafios, destacam-se: a necessidade de ensinar os estudantes a reconhecer e empregar adequadamente diferentes registros linguísticos — como o formal, o acadêmico e o informal —, sem desconsiderar sua identidade linguística e a fluidez característica da comunicação digital; a urgência em promover a leitura crítica e a capacidade de análise aprofundada, em um

contexto marcado pela predominância da velocidade e da superficialidade no consumo de informações; e a importância de auxiliar os alunos a se expressarem com clareza, coerência e criatividade, utilizando as tecnologias como ferramentas complementares ao desenvolvimento das habilidades de escrita, e não como substitutas do pensamento reflexivo e autônomo. Esses aspectos evidenciam a relevância de investigar e repensar as práticas pedagógicas no ensino da língua portuguesa, de modo a preparar os estudantes para atuar de forma crítica e eficaz em um mundo cada vez mais mediado por recursos digitais e inteligência artificial.

Este trabalho adotou uma abordagem metodológica que combina pesquisa bibliográfica, natureza aplicada e métodos quantitativos, com o objetivo de explorar o impacto das tecnologias digitais e da inteligência artificial (IA) no ensino e no uso da língua portuguesa pela Geração Alpha. A pesquisa bibliográfica, baseada em artigos científicos, livros, dissertações e relatórios técnicos, permitiu contextualizar o tema, identificar lacunas na literatura e embasar teoricamente as análises. A natureza aplicada do estudo visa gerar conhecimentos práticos para a educação e linguística, propondo reflexões e soluções para os desafios enfrentados por educadores e alunos em um cenário de transformações tecnológicas.

Complementando a pesquisa bibliográfica, a abordagem quantitativa analisou dados sobre o uso de ferramentas digitais e IA no ensino da língua portuguesa, com base em duas fontes principais: o estudo "Perfil e Desafios dos Professores da Educação Básica no Brasil" (SEMESP, 2024) e o artigo "Www. Educação e Inteligência Artificial (IA).com: um estudo sobre a aplicação de IA em perspectiva docente" (UFRGS, 2023). Essas análises forneceram subsídios sobre a realidade prática do ensino na era digital.

Observamos ainda que nosso estudo tem caráter exploratório, pois busca compreender o impacto da era digital e da IA no ensino da língua portuguesa, sem esgotar o tema, mas abrindo caminhos para futuras investigações. A combinação entre revisão bibliográfica e análise quantitativa permitiu uma visão abrangente e preliminar das principais questões envolvidas.

Com o advento das mídias digitais e o acesso as redes, faz-se imprescindível que nossos falantes compreendam a importância de conhecer as normas e regras e utilizá-las quando preciso, assim como é fundamental que os professores também se adaptem a essa nova realidade, contribuindo para a

construção de um repertório internalizado e multifacetado. O professor e linguista Marcos Bagno (2000) ressalta:

A gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento linguístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e acrítica da doutrina gramatical normativa. (Bagno, 2000, p. 87).

Concordando com isso e reforçando essa ideia o autor Luiz Carlos Travaglia afirma que é “importante para o ensino da língua materna a maneira como o professor concebe a linguagem e a língua materna, pois o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito o trabalho com a língua em termos de ensino” (Travaglia, 2009). Dessa forma pretendemos que nosso estudo possa contribuir para o ensino da Língua Portuguesa em sala de aula, assim como refletir sobre as possibilidades de adequação do ensino frente a um mundo tecnológico e de mutações diárias. Ensinar língua não é ensinar gramática, sobre isso em uma de suas teses básicas o pesquisador Sírio Possenti diz que:

Aprender uma língua é aprender a dizer a mesma coisa de muitas formas. Não se deveria imaginar que existe só uma forma de falar, isto é, que um cheque tem que ser sempre de sessenta. Isto é, a língua nos dá sempre várias alternativas, e saber uma língua ativamente e "utilizá-la" como sujeito é em boa parte saber dizer uma coisa de muitas maneiras — inclusive, saber as pequenas diferenças de sentido e de condições de uso que essas várias maneiras implicam e supõem. (Possenti, 1996, p. 94).

O objetivo geral deste estudo é investigar e compreender como a Inteligência Artificial e o universo digital estão presentes e podem impactar o ensino da Língua Portuguesa para turmas da Geração Alpha e demais gerações. Para isso, é fundamental também entender quais são os gêneros discursivos mais populares entre essa geração e como eles se inserem nas práticas de letramento dentro da sala de aula. Pretendemos observar o comportamento da Geração Alpha em relação ao ensino da Língua Portuguesa em contextos digitais, identificando suas preferências, desafios e estratégias de aprendizagem no ambiente online e o uso de tecnologias para aprimorar suas habilidades linguísticas.

Nosso trabalho tem como objetivos específicos refletir sobre as práticas pedagógicas mais eficientes para o ensino de Língua Portuguesa na era digital, propondo metodologias que integrem a tecnologia de maneira criativa e significativa, favorecendo o engajamento dos alunos e o aprimoramento da competência comunicativa.

Além disso, buscaremos analisar os gêneros discursivos mais recorrentes no cotidiano digital da Geração Alpha, como mensagens instantâneas, postagens em redes sociais, memes e vídeos curtos, investigando de que forma esses formatos influenciam a maneira como os alunos se comunicam e assimilam informações. Por fim, realizaremos uma análise sobre o impacto das tecnologias digitais no ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa, identificando de que maneira ferramentas digitais, como aplicativos e plataformas educacionais, têm sido incorporadas às práticas pedagógicas para promover o desenvolvimento da competência linguística dos estudantes dessa geração.

Essa dissertação se organiza em três seções, sendo a 1ª (primeira) voltada para a análise dos perfis geracionais, como uma forma de entender as características, comportamentos e valores das diferentes gerações, levando em consideração os contextos históricos, sociais e tecnológicos em que cresceram. Cada era deixa suas marcas nos indivíduos que dela fazem parte, moldando sua visão de mundo, seus hábitos e até mesmo suas formas de comunicação e aprendizado, sendo que a compreensão do tema pode fornecer subsídios teóricos para tratar o objeto de pesquisa.

Na segunda seção, será apresentado um estudo sobre a interseção entre educação linguística e Inteligência Artificial (IA), com o objetivo de repensar o ensino de língua portuguesa no século XXI. Será promovido um debate acerca das variações linguísticas presentes no ambiente educacional, bem como sobre o tipo de gramática que tem sido privilegiado nas práticas pedagógicas em sala de aula. Adicionalmente, será explorado o conceito de Inteligência Artificial, analisando seu impacto no ensino da língua portuguesa para a Geração Alpha. Nesse sentido, serão destacadas as potencialidades e os desafios decorrentes da integração dessas ferramentas no processo educacional, considerando suas implicações para o desenvolvimento das habilidades linguísticas e para a formação crítica dos estudantes em um mundo cada vez mais mediado por tecnologias digitais.

Na terceira e última seção apresentamos a análise de duas pesquisas. A primeira pesquisa, realizada e publicada em 2024 pelo Sindicato das Mantenedoras do Ensino Superior (SEMESP), foca no "Perfil e Desafios dos Professores da Educação Básica no Brasil", analisando as principais dificuldades enfrentadas pelos educadores da educação básica, assim como as transformações nas práticas pedagógicas e as necessidades de formação contínua para o uso de novas tecnologias no ensino. A segunda pesquisa, publicada em 2023 no Portal de Periódicos da UFRGS, é um artigo científico intitulado "Www. Educação e Inteligência Artificial (IA).com: um estudo sobre a aplicação de IA em perspectiva docente". Este estudo explora o uso de ferramentas educacionais baseadas em Inteligência Artificial, com um olhar particular sobre o ChatGPT, por professores da rede pública, principalmente no contexto dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). O objetivo da pesquisa foi compreender como as tecnologias digitais e a internet têm sido incorporadas ao cotidiano escolar e de que forma as mudanças no uso da linguagem digital impactam o ensino e a aprendizagem da Língua Portuguesa. Além disso, o estudo investigou como os novos gêneros digitais, como os textos gerados por IA, influenciam a formação de alunos e professores, especialmente em um momento em que o mundo digital se torna cada vez mais presente nas escolas.

Embora a aplicação de IA na educação ainda seja um campo relativamente recente e com um número restrito de estudos, nossa pesquisa busca ajudar a preencher essa lacuna, contribuindo para um entendimento mais profundo dos efeitos dessa revolução tecnológica no processo educacional e ampliando o debate sobre como a Inteligência Artificial pode ser integrada de forma eficaz no ensino da Língua Portuguesa e de outras disciplinas na Geração Alpha.

Garantir que todos os estudantes, independentemente do contexto socioeconômico, tenham acesso igualitário aos recursos tecnológicos, promovendo um ensino inclusivo e equitativo é com certeza um dos motivadores do nosso trabalho.

Finalizamos nossa análise com a propositura de desenvolvimento de estratégias pedagógicas que equilibrem o consumo rápido de informação com a necessidade de reflexão crítica e análise profunda dos conteúdos, incentivando a leitura atenta e a interpretação contextualizada. Ajudar os estudantes a entenderem

como a língua está em constante transformação e a importância de manter o domínio das normas cultas, sem perder de vista as variações linguísticas e as novas formas de expressão.

Engajar os estudantes com textos que sejam relevantes para sua realidade, utilizando metodologias inovadoras que integrem literatura, cultura digital e temas contemporâneos, de modo a tornar o ensino da Língua Portuguesa mais atraente e significativo.

Esses desafios exigem uma abordagem inovadora, que considere a integração entre as novas tecnologias e os princípios tradicionais do ensino de Língua Portuguesa, promovendo uma aprendizagem mais crítica, reflexiva e alinhada com as demandas do mundo digital tão conhecidas da Geração Alpha.

1. PERFIS GERACIONAIS: DESVENDANDO AS MARCAS DE CADA ERA

Vivemos um momento da nossa sociedade o qual estamos passando por constantes transformações e nas mais diversas áreas. O aluno de hoje precisa aprender a se expressar das mais variadas formas, em diferentes contextos, situações e locais. Travaglia (1997) traz a concepção de que o ensino da língua materna consiste principalmente em desenvolver no educando a competência comunicativa. O alcance desse objetivo consiste na proposta de aulas voltadas para o ensino produtivo. Essa concepção visa a levar o educando à aquisição de novos conhecimentos a respeito da língua materna para que no momento em que ele achar necessário possa ter maior variedade de habilidades linguísticas. Como afirma a professora Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004):

[...] Cabe à escola levar os alunos a se apoderar também das regras linguísticas que gozam de prestígio, a enriquecer o seu repertório linguístico, de modo a permitir a eles o acesso pleno à maior gama possível de recursos para que possam adquirir uma competência cada vez mais ampla e diversificada sem que nada disso implique a desvalorização de sua própria variedade linguística, adquirida nas relações sociais dentro de sua comunidade. (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 15).

Com isso, pretendemos contribuir com ações que facilitem o ensino de língua portuguesa de forma clara e concisa, fazendo com que os falantes compreendam que apropriar-se de regras e normas não é mais suficiente caso eu não saiba aplicá-las em minha rotina. Muito mais importante do que decorar regras e decodificar códigos é a ideia de que precisamos saber aplicar nossos saberes as circunstâncias que se apresentam.

O ensino da língua materna, e especificamente em nosso caso da Língua Portuguesa, é um pilar fundamental para o desenvolvimento cognitivo, social e cultural de qualquer indivíduo, independentemente da geração. Para a Geração Alpha, que já nasce imersa em um mundo digital e conectado, a importância do ensino da língua portuguesa se torna ainda mais relevante. A língua é a principal ferramenta de comunicação e compreensão do mundo, e sua aprendizagem contribui diretamente para a construção do pensamento crítico, da identidade cultural e da capacidade de interagir com diferentes contextos e realidades.

Ao aprender a língua portuguesa, os estudantes desenvolvem habilidades fundamentais, como a interpretação de textos, a argumentação, a expressão de ideias e a construção do conhecimento. Para os falantes, essas competências são indispensáveis, especialmente em um contexto educacional permeado por informações digitais e multimodais, onde é essencial saber filtrar, compreender e se comunicar de maneira clara e assertiva. Além disso, o domínio da língua portuguesa desempenha um papel crucial no desenvolvimento da criatividade e da imaginação, capacidades que permitem aos alunos se adaptarem a um mundo em constante transformação.

Além disso, o ensino da língua materna fortalece os laços sociais, pois é por meio da língua que nos conectamos com outros indivíduos, compartilhamos experiências, sentimentos e ideias. Para as gerações mais velhas, a língua também é um elo com o passado, com a história e com as tradições que moldam a sociedade.

No contexto atual, onde a tecnologia e a inteligência artificial influenciam diretamente as práticas pedagógicas, o ensino da língua materna também se torna um espaço para a reflexão sobre o uso ético dessas ferramentas. A Geração Alpha, em particular, terá a responsabilidade de aprender a usar essas novas tecnologias de forma crítica e responsável, e a base para isso está na educação linguística.

Em resumo, o ensino da língua materna é uma chave para a formação de cidadãos críticos, criativos e conscientes, capazes de interagir e transformar o mundo ao seu redor. Para a Geração Alpha e para todas as gerações que a precederam e a sucederão, investir no ensino da língua portuguesa é garantir o desenvolvimento pleno de suas potencialidades e o fortalecimento de uma sociedade mais justa e conectada.

Conforme a escritora Marisa Lajolo (1982 apud Geraldi, 2004, p. 91):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que o seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entrega-se a esta leitura, ou rebela-se contra ela, propondo outra não prevista.

O objetivo principal no aprendizado de uma língua é capacitar o aluno a

desenvolver competência comunicativa, permitindo-lhe interpretar o mundo ao seu redor. Ao refletirmos sobre isso e reconhecermos a necessidade de ajustes nas práticas de ensino da língua portuguesa para torná-las verdadeiramente significativas, podemos entender que é possível superar as dificuldades de engajamento da Geração Alpha.

O termo *geração* vem do latim *generatio* e possui vários significados e aplicações. Ele pode se referir tanto ao ato de procriar (engendrar) quanto ao processo de produzir, causar ou criar algo (Geração 2020). A análise das gerações começou nos Estados Unidos, onde se observou que, em média, a cada duas décadas, o comportamento das pessoas mudava em relação a seus valores e expectativas futuras. Essas mudanças eram vistas como parte de uma transformação global (Carneiro et al. 2018).

De acordo com uma abordagem sociológica sobre o conceito de gerações, o sociólogo francês Michel Maffesoli (1998) sugere que ele se refere a um grupo de indivíduos que compartilham um mesmo espaço geográfico e vivem experiências semelhantes, participando de eventos importantes e situações diárias dentro de um período de tempo comum.

Segundo os autores Mario Sergio Cortella e Pedro Bial (2018), por muitos anos, uma geração era definida como o grupo de indivíduos que sucedia seus pais, com um intervalo de aproximadamente 25 anos. No entanto, nas últimas cinco décadas, o ritmo das mudanças e a forma de produzir aceleraram significativamente. Cortella e Bial (2018) também observam que a tecnologia desempenha um papel crucial na definição das marcas de tempo, resultando em intervalos mais curtos entre as gerações. Atualmente, é comum considerar uma nova geração a cada dez anos, o que implica que diversas gerações estão coexistindo simultaneamente em ambientes como o lar, a escola e o mercado de trabalho.

Os professores e pesquisadores Anderson Bençal Indalécio e Douglas Campos (2016) discutem a convergência do conceito de geração, destacando que ele se refere à experiência compartilhada por grupos de indivíduos em um determinado período, que molda a formação do sujeito. Contudo, cada sujeito de uma geração carrega uma cultura própria, marcada pelas particularidades de sua família, suas crenças religiosas, ética e outros aspectos que formam padrões de

comportamento distintos dos das gerações anteriores e que tendem a evoluir ao longo do tempo. O autor Rui Fava (2014, p. 42) comenta sobre esses fenômenos vivenciados nas gerações contemporâneas, afirmando:

O crescimento, tanto populacional como tecnológico, produziu alterações culturais e sociais que permitiram a cada geração impor-se e desenvolver não somente as próprias ideias, mas também adotar e rotular um novo perfil por meio de comportamento, linguagem, moda, música, arte, a forma como utilizam e vivenciam a tecnologia.

Os termos Veteranos, Baby Boomers, Nativos Digitais, Geração Z, Y e X, Geração Polegar e Geração Alpha têm ganhado destaque em debates entre pesquisadores ao redor do mundo (Tapscoot 2010; Briscoe et al. 2012; Coelho 2012; Kupperschmidt 2000; Lévy 1999; Palfrey e Gasser 2011; Sinek 2020 apud Penso 2020), devido às significativas mudanças de comportamento de cada geração, especialmente em relação ao uso de produtos e serviços que surgem com a evolução das tecnologias de informação, principalmente aquelas acessadas via web.

É amplamente aceito entre os pesquisadores que cinco gerações coexistem atualmente: 1) Veteranos, 2) Baby Boomers, 3) Geração Z, 4) Geração X e 5) Geração Y (Briscoe et al. 2012). No entanto, a literatura também menciona termos como: Nativos Digitais (Tapscoot 2010; Passarelli et al, 2014), Geração Polegar (Kupperschmidt 2000; Young Adult Library Services Association 2014), Milênios e Geração Alpha (Lévy 1999; Lipovetsky 2007; Geração “Alpha”: entenda... 2010; Geração “Alpha”: o que... 2019).

Nesse contexto, é impossível desvincular o indivíduo de sua vivência cotidiana, a qual pode ser fundamental para sua formação social. As gerações e sua evolução são influenciadas tanto pela causalidade quanto pela intencionalidade das ações individuais. São os esforços inconscientes, moldados pelas experiências vividas, que definem a identidade ou o "vir a ser" do indivíduo em um determinado período de tempo (Indalécio 2015).

É necessário abordar a evolução do conceito de gerações nos ambientes de ensino e trabalho. Destaca-se, assim, a necessidade de os profissionais da

informação aprenderem a lidar com essas gerações no contexto de serviços e produtos informacionais, de modo a atender às suas expectativas e demandas, sem negligenciar as gerações já atendidas por meio dos serviços e produtos tradicionais nos ambientes informacionais.

1.1 A Evolução das Gerações: Características que Moldam o Tempo

As principais gerações analisadas na literatura são classificadas como: Veteranos, Baby Boomers, Gerações X, Y e Z, Geração Polegar e Geração Alpha (Tapscott 2010; Briscoe et al. 2012; Kupperschmidt 2000; Lévy 1999; Azevedo 2016; Palfrey e Gasser 2011; Sinek 2020 apud Penso 2020). Essas gerações são definidas não apenas pelo ano ou década de nascimento, mas também pela cultura, política, economia do país onde nasceram, entre outros aspectos relevantes que serão discutidos a seguir.

FIGURA 01



Disponível em: <https://momentomt.com.br/momento/o-impacto-das-geracoes-na-sociedade-perfis-desafios-e-oportunidades/>. Acesso em 02 set. 2024.

1.1.1 Veteranos

Os Veteranos ou Tradicionais, nascidos antes e durante a Segunda Guerra

Mundial (até 1945), foram profundamente influenciados por eventos como a grande guerra, a Grande Depressão e a construção do Muro de Berlim. Eles são caracterizados por um forte respeito à hierarquia e à autoridade, alta dedicação, espírito de sacrifício e uma abordagem prática das atividades (Soares 2009 apud Novelli et al. 2010).

Segundo a especialista em comportamento de gerações Eline Kullock (2011), os indivíduos dessa geração tendem a ser mais rígidos e, devido às dificuldades que enfrentaram, não têm problemas em seguir regras. Seus valores centrais incluem a família, o trabalho e a moral, e eles valorizam a estabilidade. Muitos já estão aposentados, mas aqueles que ainda estão no mercado de trabalho preferem estruturas hierárquicas rígidas e têm longas permanências na mesma empresa (Oliveira, 2010).

Por causa do contexto de guerras e crises econômicas, os Veteranos desenvolveram uma relação cautelosa com o dinheiro, poupando mais e evitando compras parceladas. A religião também é um traço marcante, embora sem inclinações supersticiosas (Cunha, 2018).

Após o retorno dos combatentes da Segunda Guerra Mundial, houve uma explosão populacional nos Estados Unidos, conhecida como "Baby Boom", resultando no nascimento de uma nova geração entre 1945 e 1960, conhecida na literatura como os Baby Boomers (Carneiro et al. 2018).

1.1.2 Baby Boomers

De acordo com Cortella e Bial (2018), os Baby Boomers foram os mais ativos na luta contra regimes ditatoriais, sendo frequentemente chamados de geração "paz e amor" devido à sua forma de protesto, expressa através de poemas, músicas e outras formas de arte. No campo musical, muitos artistas dessa geração ganharam destaque por suas letras que promoviam mensagens de paz e reflexão intelectual.

Por sua vez, os Baby Boomers são também conhecidos como a geração da televisão, uma vez que sua infância coincidiu com a invenção e popularização do televisor. Atualmente, muitos dessa geração são pais e avós, tendo vivido a juventude nas décadas de 1960 e 1970. Esse período os fez testemunhas de grandes transformações políticas, econômicas e culturais (Sbcoaching Group 2019).

Além disso, conforme o Sbcoaching Group (2019), muitos Baby Boomers buscam um estilo de vida conservador, valorizando aspectos como casamento, filhos, aquisição de uma casa própria e um carro, um emprego estável e momentos de lazer. Isso contrasta com a geração X, que prioriza a conquista e o poder.

1.1.3 Geração X

Os membros da geração X, nascidos entre 1960 e 1980, são filhos de mães que frequentemente trabalhavam fora de casa e, em muitos casos, de pais divorciados. Na vida adulta, essa geração inclinou-se para áreas de administração e economia, substituindo o idealismo da geração anterior por um realismo mais pragmático e cético em relação a autoridades e governantes (Conger 1998).

Segundo o autor Diego Grahl de Santi (2019), a geração X se destaca por valorizar a vida pessoal mais do que a profissional, adaptando-se com maior facilidade às mudanças e vendo o uso de computadores e tecnologia como uma vantagem significativa. O autor observa que essa geração desenvolveu habilidades distintas das de seus pais devido a eventos históricos e períodos de instabilidade econômica e profissional, como a Guerra Fria e a Ditadura Militar.

Nas gerações anteriores, as pessoas eram obedientes e sacrificavam a vida pessoal para demonstrar lealdade à empresa em que trabalhavam. Em geral, as recompensas eram promoções, emprego vitalício e o poder de comandar outras pessoas. Esse tipo de contrato significa pouco para a geração X (Conger, 1998, p. 135).

A geração X é caracterizada por movimentos culturais marcantes, como os Hippies e Punks, e pela revolução sexual. Ela também vivenciou a popularização dos aparelhos eletrônicos e a ascensão da comunicação e cultura mediadas pelos meios de massa, o que resultou em um maior acesso à informação e em avanços na capacidade de armazenamento. Segundo o professor Franco Santos Neto (2010), essa geração foi profundamente influenciada pelas lutas por liberdade, reconhecimento das minorias, paz e independência financeira, o que gerou tensões e angústias persistentes.

Com os direitos conquistados pelos Baby Boomers, a geração X buscou o prazer sem culpa. Sobre isso, Fava (2014, p. 47) menciona:

Os baby boomers viviam literalmente o que o poeta Horácio (65-8 a.C.) aconselhou em sua Odes (I, 11.8): *carpe diem quam minimum credula postero* (colha o dia, confia o mínimo no amanhã), que a geração X deduziu, interpretou, adotou como um estilo de vida largamente difundido pela mídia, atrelado aos valores do consumismo e materialismo como meios de obtenção do prazer.

A geração X, frequentemente chamada de Imigrantes Digitais, possui um modo de interação com a tecnologia que é consideravelmente diferente do relacionamento que a geração Y tem com o mundo virtual e a digitalização da informação.

1.1.4 Geração Y

Os indivíduos da Geração Y, também conhecidos como Millennials, são assim denominados por serem parte da transição para o novo milênio. Eles têm uma perspectiva de mundo que é única em relação às gerações anteriores. Muitos membros dessa geração são desafiadores e priorizam a qualidade de vida, valorizando o tempo com amigos e família, e buscando empregos que sejam atraentes e que atendam a essas necessidades.

De acordo com o pesquisador canadense Don Tapscott (2010), a Geração Y inclui pessoas nascidas entre 1977 e 1997, enquanto que os autores e consultores financeiros Gustavo Cerbasi e Christian Barbosa (2009) definem essa geração como englobando indivíduos nascidos entre 1979 e 2000. Já a professora Cristiane Ferreira dos Santos (2011) afirma que os membros da Geração Y nasceram entre 1978 e 1994 e estão entrando no mercado de trabalho após um período de crescimento econômico.

A educação dessa geração é influenciada pela evolução da internet e das tecnologias contemporâneas, tornando-a mais sofisticada do que a das gerações anteriores. Em comparação com seus pais, os Millennials possuem alta autoestima e tendem a questionar atividades que consideram banais ou que não têm um propósito a longo prazo. Segundo o filósofo francês Gilles Lipovetsky, eles buscam empregos que ofereçam prazer, perspectivas de crescimento, interação com diferentes equipes e um ambiente de trabalho agradável e inspirador (Lipovetsky,

2007).

Outra característica marcante da Geração Y é a dispersão, que pode ser atribuída ao grande volume de informações disponível. Isso resulta em uma falta de definição clara em sua personalidade, com indivíduos frequentemente exibindo traços de diversos estilos, modas, políticas, esportes e entretenimento, sem se encaixarem em categorias definidas como hippies, glam ou punks. Atualmente, é comum que jovens escutem uma variedade de gêneros musicais, como rock, sertanejo, funk e música eletrônica (Lipovetsky, 2007).

A Geração Y tem o potencial de ser a mais influente economicamente, caracterizando-se pela ênfase na quantidade, velocidade, estética e experiências desconectadas de envolvimento profundo. Em contraste, a Geração Z, que nasceu com a internet, lida com a velocidade de forma mais natural e implícita (Lipovetsky 2007; Sodré 2007).

1.1.5 Geração Z

Conhecida por sua capacidade de alternar rapidamente entre diferentes meios, a Geração Z, ou Nativos Digitais, é caracterizada por hábitos efêmeros e uma visão individualizada do mundo. Segundo a professora Katia Viana Cavalcante (2016), esses indivíduos possuem uma perspectiva única e demandam essa visão particular da realidade. Para a Geração Z, que cresceu na era digital, a tecnologia é um aliado indispensável nas atividades diárias, tornando o mundo incompreensível sem ela. Como resultado, eles interagem com meios e dispositivos eletrônicos de forma natural e fluida.

A Geração Z (Cerbasi e Barbosa, 2009) inclui pessoas nascidas a partir do ano 2000 até o presente. Também chamada de Geração Next (Tapscott 2010), abrange aqueles nascidos desde 1998. A autora Adelina Moura (2009) observa que, na década de 1960, a televisão era considerada a tecnologia mais influente da época. No entanto, atualmente, computadores, consoles de videogames e smartphones superaram a televisão em importância e influência (Zaninelli e Santos Neto 2017). Cavalcante (2016) oferece uma análise sobre o perfil dessa geração:

Movida pelo desejo de rapidez, comodidade e praticidade, a Geração Z extrapola o uso dos suportes eletrônicos, e usufrui desses formatos para se comunicar e se informar acerca do

mundo. Diante disso, a mudança na oferta de serviços nos diversos tipos de bibliotecas para se adequar aos avanços dessa geração deve ser constante (Cavalcante, 2016, p. 47).

As redes sociais desempenham um papel crucial para a geração Z como uma plataforma de exploração e expressão. Com amigos virtuais, trabalho remoto e consumo online, as barreiras geográficas se tornam irrelevantes, pois a hiperconexão e o crescimento das redes sociais digitais possibilitam a exposição e transmissão da vida em tempo real no ambiente digital (Indalécio e Campos 2016). Nesse contexto tecnológico, Cavalcante (2016) ressalta a importância de adaptar os serviços das bibliotecas para atender a esses usuários, incluindo o uso de plataformas digitais em nuvem, acesso remoto, interações sociais online e atividades cívicas mediadas por tecnologia.

Os indivíduos da geração Z são conhecidos por sua capacidade de realizar várias tarefas simultaneamente, mantendo ritmo e foco, o que lhes confere a característica de multitarefas, uma realidade que eles não conhecem diferente. Eles se destacam por sua participação ativa em manifestações, têm um bom entendimento dos seus direitos e lutam para que sejam respeitados. No entanto, enfrentam uma “epidemia de narcisismo”, com muitos sentindo a necessidade de se destacar online para obter atenção (Azevedo, 2016).

Azevedo ainda observa que “o grande déficit da geração Z está na organização e reinterpretação das informações disponíveis na internet, que frequentemente aparecem de forma fragmentada e tendenciosa”. Ao contrário da geração Alpha, que é nativa digital desde o nascimento, a geração Z já está imersa no ambiente digital e a tecnologia é parte integral do seu cotidiano.

1.1.6 Geração Polegar

A Geração Polegar (GP), termo criado pelo crítico americano Howard Rheingold (2003) e traduzido de "thumb tribes", refere-se à geração imersa na tecnologia digital, incluindo smartphones, redes sociais, tecnologias sensíveis e tablets. Moura (2009) observa que ferramentas como Whatsapp, Bluetooth, YouTube, e redes sociais como Tik Tok, Instagram, Facebook são amplamente utilizadas por essa geração. A GP tende a preferir ficar em casa com seus dispositivos móveis, em vez de sair, e a presença constante da tecnologia influencia

a forma como atuam, pensam e aprendem.

Composta por indivíduos nascidos durante a era tecnológica, digital e móvel, a Geração Polegar inclui aqueles nascidos entre 1994 e 2005 ou até o presente (Freire Filho e Lemos, 2008 apud Bortolin e Vignolli, 2014). O nome Geração Polegar, cunhado por Moura (2009), se deve ao fato de que esses jovens usam principalmente o polegar para digitar em seus smartphones, abandonando o uso do indicador e até modificando comportamentos, como apertar campainhas com o polegar.

Moura também destaca que o termo "Geração Polegar" reflete a realidade familiar contemporânea, onde os pais introduzem os celulares para as crianças desde cedo. Essas crianças rapidamente se tornam habilidosas no uso dos dispositivos, geralmente utilizando apenas os polegares.

Semelhante à geração Z, a Geração Polegar demonstra interesse apenas por locais onde possam acessar a internet e utiliza seus próprios dispositivos tecnológicos, como computadores e smartphones. Para atrair essa geração, as escolas devem oferecer tecnologia atual e espaços interativos, além dos livros tradicionais, já que eles valorizam o imediatismo e são multifuncionais. O uso das redes sociais é fundamental para essa geração, que vê o conhecimento principal como originado de meios virtuais e acredita que o aprendizado deve estar integrado às tecnologias. Além disso, utilizam o meio digital para pesquisas e como um espaço para expressar e refletir sobre seus anseios pessoais e sociais (Bortolin e Vignolli 2014).

1.1.7 Geração Alpha

A Geração Alpha é a geração nascida a partir de 2010, e está crescendo em um contexto de intensa imersão digital. Essa geração é considerada a mais conectada até o momento, devido ao acesso quase imediato a tecnologias avançadas desde o nascimento, como smartphones, tablets, assistentes virtuais e inteligência artificial. A Geração Alpha é a sucessora da Geração Z e se distingue por ser a primeira a crescer com uma imersão ainda mais profunda em tecnologia, com os dispositivos móveis e a internet tornando-se parte essencial do seu cotidiano. O sociólogo australiano Mark McCrindle cunhou o termo "Geração Alpha", destacando o início de um novo ciclo e utilizando a primeira letra do "Alpha" beto grego para simbolizar isso.

Os membros da Geração Alpha já nascem em um mundo completamente digital. Muitos têm acesso a dispositivos inteligentes (como smartphones e tablets) desde muito cedo. Isso significa que desde os primeiros anos de vida, as crianças dessa geração estão interagindo com telas, assistentes de voz como Alexa e Siri, e até com tecnologias de realidade aumentada (AR) e realidade virtual (VR).

Diferentemente das gerações anteriores, a Geração Alpha confia plenamente nas novas tecnologias, interagindo com elas de forma emocional e lúdica. Carvalho et al. (2021) destacam que não é necessário um ambiente formal, com professores e salas de aula, para que os Alpha aprendam. A Geração Alpha está experimentando uma revolução no sistema educacional, com o uso de ferramentas digitais como plataformas de aprendizagem online, jogos educacionais e aplicativos interativos. O ensino à distância e o uso de IA nas escolas também estão crescendo, permitindo um aprendizado mais personalizado, de acordo com as necessidades e o ritmo de cada aluno.

Isso pode proporcionar mais autonomia, mas também pode gerar uma dependência excessiva da tecnologia para aprendizado, sem a mesma interação face a face ou a mesma capacidade de concentração em atividades offline. Isso reflete um novo valor cultural dessa geração, que inclui o consumo de entretenimento superficial e supérfluos.

A visão de mundo dos “Alpha”s é gerida sobre o conceito de igualdade – assim, eles enxergam cada vez menos barreiras entre as pessoas, descobrem a diversidade com naturalidade, para essas crianças, ser diferente é normal, essa geração apresenta comportamento menos limitado pelos estereótipos (Carvalho et al. 2021, p. 5).

O cenário educacional está em constante transformação, refletindo o conceito de modernidade líquida do sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (2013), onde o que é novo hoje se torna obsoleto amanhã. Isso resulta na emergência de um novo perfil de aluno envolvido no processo de ensino-aprendizagem. Para Bauman (2013), "para ser 'prático', o ensino de qualidade deve fomentar e promover a abertura mental, não a exclusão".

A Geração Alpha é acostumada a respostas rápidas, com acesso imediato a conteúdos e informações em segundos. Eles têm uma tolerância muito baixa para tempos de espera, como pode ser visto na forma como consomem conteúdo no YouTube e outras plataformas, jogam videogames e interagem com dispositivos.

Isso pode influenciar sua capacidade de se concentrar em tarefas mais longas ou complexas, exigindo dos educadores novas abordagens para manter o interesse e o foco dessas crianças.

Essa geração é formada em grande parte por nativos digitais, com hábitos de consumo de conteúdo que incluem vídeos curtos (como no TikTok), transmissões ao vivo, vídeos interativos e até mesmo conteúdo em plataformas de streaming como Netflix, Prime e Disney+.

Além disso, os brinquedos conectados e os jogos online também fazem parte do seu repertório, com uma forte presença de influenciadores digitais que moldam suas preferências e comportamentos.

Embora a Geração Alpha continue a frequentar escolas físicas e interagir com seus colegas, a socialização online por meio de jogos, aplicativos de mensagens e redes sociais (quando mais velhos) já faz parte de seu processo de crescimento. O "socializar" de maneira digital já é algo natural para eles.

Eles tendem a se conectar com os outros de maneiras novas e inovadoras, o que pode redefinir conceitos de amizade e interação social ao longo do tempo.

A dependência excessiva da tecnologia pode levar a desafios em termos de habilidades sociais offline, concentração e desenvolvimento de habilidades cognitivas de forma mais tradicional. Os educadores terão o desafio de equilibrar o uso de tecnologias com atividades que estimulem o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais. Dada a enorme quantidade de informações disponíveis e a tendência de consumir conteúdo rápido e superficial, será crucial que os educadores e os pais ajudem a Geração Alpha a desenvolver habilidades de pensamento crítico, discriminação de fontes de informação e aprofundamento.

A Geração Alpha será um grupo altamente tecnológico, adaptado a um mundo onde as fronteiras entre o físico e o digital são cada vez mais tênues. Eles serão mais conectados, mais rápidos, mais informados, mas também terão que lidar com os desafios impostos pela constante presença da tecnologia em suas vidas.

FIGURA 02

 LIDER TREINADOR <small>Lapidação de Lideranças e Vendas</small>	 BABY BOOMER de 1940 à 1965	 GERAÇÃO X de 1966 à 1978	 GERAÇÃO Y de 1979 à 1994	 GERAÇÃO Z de 1995 à 2010	 GERAÇÃO ALPHA a partir de 2011
Quem são?	<p>Nascidos após II Guerra até a metade da década de 1960. A designação vem da expressão "baby boom", que representa a explosão na taxa de natalidade nos Estados Unidos no pós-guerra.</p>	<p>Filhos dos "baby boom", grupo de jovens, sem identidade aparente, que enfrentariam um mal incerto, sem definição, um futuro hostil. Nomeada como X por causa da queda da taxa de natalidade.</p>	<p>Também conhecida por geração do Milênio ou da Internet, devido ao fato de serem os primeiros a nascerem num mundo totalmente globalizado.</p>	<p>Geração que corresponde à idealização e nascimento da World Wide Web, criada em 1990 por Tim Berners-Lee. A grande nuance dessa geração é "zapear".</p>	<p>Pessoas muito mais independentes, com potenciais e habilidades de adaptações a novas tecnologias e facilidades de resolver problemas muito mais que seus pais e avós.</p>
Fatos mais influenciadores e marcantes	<p>Fim da II Guerra Mundial</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Movimento hippie • Revolução sexual • Aids • Televisão à cores • Auge do cinema 	<ul style="list-style-type: none"> • Computador, impressora, internet, e-mail, celular • Globalização 	<ul style="list-style-type: none"> • Era 100% Digital • Redes Sociais • Mensagens instantâneas • Teoria de Gênero 	<ul style="list-style-type: none"> • Internet das coisas • Inteligência artificial
Características principais	<p>Educação rígida, tradicional e conservadora, de fortes valores familiares relativos ao casamento, filhos, segurança, compra da casa, do carro, a procura pela estabilidade.</p>	<p>Busca da individualidade sem a perda da convivência em grupo; Maturidade e escolha de produtos de qualidade e inteligência; Ruptura com as gerações anteriores e seus paradigmas; Busca maior por seus direitos; Preparação e preocupação maior com as gerações futuras; Procura de liberdade.</p>	<p>Superexposta a um novo nível de informação devido aos avanços tecnológicos, a comunicação é seu ponto forte. Afastada dos trabalhos braçais e sobrecarregada de "prêmios" e facilidades materiais, aparente compensação a partir dos pais "X". Novo significado sobre a visão de trabalho versus plano de carreira.</p>	<p>Geração tida como a mais tolerante que já existiu, mais aberta ao apoio às pluralidades religiosas, sociais e igualdade de gênero. Possui responsabilidade social, ansiedade extrema, menos relações sociais, desapego das fronteiras geográficas e necessidade de exposição de opinião.</p>	<p>Composta por crianças que desde muito pequenas, estão inseridas em um cotidiano rodeado pela tecnologia. Em pleno desenvolvimento, é precoce afirmar o que pensam, mas a tendência indica que sejam muito mais independentes que suas antecessoras, e com habilidade de adaptação, inovação como nunca visto.</p>

Disponível em: <https://momentomt.com.br/momento/o-impacto-das-geracoes-na-sociedade-perfis-desafios-e-oportunidades/>.
 Acesso em 02 set. 2024.

O impacto das inovações tecnológicas, incluindo a inteligência artificial e a realidade aumentada, provavelmente continuará a moldar a educação, o trabalho e as relações sociais dessa geração de maneiras que ainda estamos começando a compreender.

Diante dessa dinâmica de constante mudança, é crucial repensar o ensino da língua portuguesa e enfrentar seus desafios de forma eficaz. Devemos encontrar maneiras de engajar esses alunos e facilitar a aquisição de conhecimentos em um ambiente em constante evolução.

A IA tem se tornado uma presença cada vez mais marcante no campo da educação, e seu impacto no ensino da língua portuguesa não pode ser ignorado. As próximas seções dedicam-se a explorar como as ferramentas e aplicativos baseados em IA estão transformando a maneira como a língua é aprendida, ensinada e praticada. Desde corretores automáticos e sistemas de tradução até plataformas de aprendizado adaptativo e assistentes virtuais, a tecnologia tem oferecido novas possibilidades para o desenvolvimento das habilidades linguísticas. No entanto, sua integração no ensino também levanta questões relevantes, como a necessidade de equilibrar o uso dessas ferramentas com a preservação da criatividade, da reflexão crítica e da riqueza da língua portuguesa. Neste contexto, as próximas seções buscarão analisar os benefícios, os desafios e as implicações da IA no ensino da língua portuguesa, propondo uma reflexão sobre como educadores e estudantes podem aproveitar essas inovações de maneira consciente e produtiva.

2. SOCIOLINGUÍSTICA E TECNOLOGIA: O IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

A Sociolinguística, como campo de estudo que investiga as relações entre língua e sociedade, tem se mostrado cada vez mais relevante para compreender as transformações comunicacionais impulsionadas pelo avanço tecnológico. A tecnologia, por sua vez, não apenas modifica as formas de interação, mas também influencia diretamente as práticas linguísticas, criando novos espaços de comunicação e reconfigurando as dinâmicas sociais. Nesse contexto, a interseção entre Sociolinguística e Tecnologia oferece um rico campo de análise, permitindo explorar como as inovações tecnológicas impactam a variação e a mudança linguística, bem como as identidades e os comportamentos dos falantes.

Um dos aspectos mais evidentes dessa interação é o surgimento de novas modalidades de comunicação mediadas por tecnologias digitais, como redes sociais, aplicativos de mensagens e plataformas de interação virtual. Esses espaços digitais têm se tornado ambientes férteis para a observação de fenômenos sociolinguísticos, como a emergência de gírias, neologismos e variações linguísticas específicas de determinados grupos. Por exemplo, a linguagem utilizada em aplicativos como WhatsApp ou Twitter muitas vezes reflete uma mistura de registros formais e informais, além de incorporar elementos visuais, como emojis e stickers, que complementam ou substituem o texto escrito. Essas práticas evidenciam como a tecnologia não apenas facilita a comunicação, mas também redefine as normas e convenções linguísticas.

Além disso, a tecnologia tem desempenhado um papel crucial na documentação e análise de fenômenos sociolinguísticos. Ferramentas como softwares de análise de corpus, algoritmos de processamento de linguagem natural e plataformas de coleta de dados têm permitido aos pesquisadores investigar padrões linguísticos em larga escala, identificando tendências de variação e mudança que antes seriam difíceis de detectar. Por exemplo, estudos que utilizam big data têm revelado como fatores sociais, como idade, gênero e localização geográfica, influenciam o uso de determinadas expressões ou construções gramaticais em diferentes contextos digitais.

Outro ponto de destaque é o impacto da tecnologia na preservação e revitalização de línguas minoritárias ou em risco de extinção. Plataformas digitais e aplicativos móveis têm sido utilizados para promover o ensino e a difusão dessas línguas, conectando comunidades linguísticas dispersas e incentivando o uso cotidiano. Essa abordagem tecnológica não apenas contribui para a manutenção da diversidade linguística, mas também fortalece as identidades culturais associadas a essas línguas. A heterogeneidade linguística é uma realidade inerente ao ambiente escolar, refletindo a diversidade cultural, regional e social dos falantes da língua portuguesa. Nas salas de aula, convivem múltiplas variedades linguísticas, influenciadas por fatores como origem geográfica, contexto socioeconômico e situações comunicativas. Essa pluralidade, no entanto, nem sempre é reconhecida ou valorizada no processo de ensino-aprendizagem, o que pode resultar na marginalização de certas formas de expressão e na perpetuação de preconceitos linguísticos. A escola, como espaço de formação e inclusão, tem o desafio de acolher essa diversidade, transformando-a em uma ferramenta de enriquecimento cultural e linguístico, ao mesmo tempo em que prepara os alunos para o domínio da norma-padrão, essencial em contextos formais e profissionais.

Nesse contexto, a Sociolinguística Educacional desempenha um papel crucial. Esse campo de estudo defende uma abordagem pedagógica que reconhece e valoriza as variedades linguísticas dos alunos, promovendo uma educação linguística mais equitativa e inclusiva.

2.1 A Interseção entre Educação Linguística e Inteligência Artificial: Repensando o Ensino de Língua Portuguesa no Século XXI

A Sociolinguística Educacional nos lembra que a língua é um fenômeno vivo, dinâmico e heterogêneo, e que o ensino deve considerar as identidades e os repertórios linguísticos dos estudantes. Essa perspectiva está alinhada à BNCC, que enfatiza a importância de uma educação linguística crítica e reflexiva, capaz de combater o preconceito e de preparar os alunos para o uso adequado da língua em diferentes situações comunicativas.

As experiências das crianças em seu contexto familiar, social e

cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação são fontes que estimulam sua curiosidade e a formulação de perguntas. O estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza. (Brasil, 2018, p. 60)

A BNCC propõe que o ensino da língua portuguesa vá além da gramática normativa, incorporando discussões sobre variação linguística, contextos de uso e funções sociais da linguagem, de modo a formar cidadãos capazes de se expressar de maneira eficaz e consciente em diversos contextos:

Cabem também reflexões sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise. Em especial, as variedades linguísticas devem ser objeto de reflexão e o valor social atribuído às variedades de prestígio e às variedades estigmatizadas, que está relacionado a preconceitos sociais, deve ser tematizado. (Brasil, 2018, p. 83)

No cenário atual, marcado por rápidos avanços tecnológicos, a IA surge como uma ferramenta com grande potencial para apoiar esse processo. Plataformas educacionais baseadas em IA podem oferecer recursos personalizados, adaptando-se às necessidades e ao nível de proficiência de cada aluno. Por exemplo, sistemas de correção automática podem identificar erros comuns e sugerir melhorias, enquanto aplicativos de aprendizado adaptativo podem fornecer exercícios que consideram as variedades linguísticas dos estudantes, ajudando-os a transitar entre a linguagem informal e a norma culta de maneira mais natural. Além disso, a IA pode auxiliar os professores na análise de dados, identificando padrões de aprendizado e dificuldades específicas dos alunos, o que permite planejar aulas mais direcionadas e eficazes.

No entanto, a integração da IA na educação linguística deve ser feita com cautela e reflexão. É essencial que essas ferramentas sejam utilizadas de maneira crítica, sem substituir o papel do professor como mediador e incentivador do

pensamento reflexivo. A IA pode ser uma aliada poderosa, mas não deve ser vista como uma solução mágica para os desafios educacionais. É preciso garantir que a tecnologia seja usada para ampliar as oportunidades de aprendizado, sem descuidar da valorização da diversidade linguística e cultural. Nesse sentido, a colaboração entre educadores, linguistas e desenvolvedores de tecnologia é crucial para criar ferramentas que respeitem as particularidades da língua portuguesa e promovam uma educação linguística mais inclusiva.

Assim, a integração entre a heterogeneidade linguística, a Sociolinguística Educacional, a Base Nacional Comum Curricular e a IA na educação apontam para um futuro em que a tecnologia e a valorização da diversidade caminham lado a lado. Esse diálogo pode resultar em uma educação linguística mais democrática, que reconhece a riqueza das variedades linguísticas, combate o preconceito e prepara os alunos para o uso consciente e crítico da língua em um mundo cada vez mais conectado e tecnológico.

A escola, nesse contexto, tem o papel fundamental de ser um espaço de acolhimento, reflexão e transformação, onde a língua é vista não apenas como um código a ser dominado, mas como um instrumento de identidade, expressão e inclusão social. O ensino da Língua Portuguesa, ao incorporar a variação linguística e seu dinamismo na sala de aula, não apenas facilita a comunicação, mas também promove o desenvolvimento do senso crítico do aluno. Esse enfoque permite que o aluno compreenda a língua como uma parte essencial de sua identidade sociocultural, estimulando sua capacidade de autoexpressão. Além disso, aprimora a habilidade do aluno de se comunicar de maneira eficaz, tanto escrita quanto oralmente, dentro de uma perspectiva de Educação Linguística, contribuindo para a redução do preconceito linguístico.

A Educação Linguística tem como objetivo abordar as diversas realidades nos ambientes de aprendizagem, promovendo uma reflexão sobre a realidade social, histórica e cultural dos falantes. Isso leva o professor a reavaliar suas práticas de ensino de Língua Portuguesa, desafiando a concepção de uma língua única e imutável.

O linguista Marcos Bagno (2009, p.80) reforça essa visão ao afirmar que:

O objetivo da escola, no que diz respeito à língua, é formar cidadãos capazes de se exprimir de modo adequado e competente, oralmente e por escrito, para que possam se inserir de pleno direito na sociedade e ajudar na construção e na transformação dessa sociedade - é oferecer a eles uma verdadeira Educação Linguística.

É fundamental que as instituições de ensino reformulem a concepção tradicional da língua como um sistema homogêneo e adotem uma abordagem que valorize a competência comunicativa dos estudantes em diferentes contextos. No Brasil, a diversidade linguística é vasta, abrangendo múltiplas variedades que, muitas vezes, não se enquadram na norma culta prescrita pela gramática normativa. Essa discrepância contribui para a desvalorização de determinadas formas de expressão, reforçando preconceitos linguísticos que associam as variantes menos prestigiadas a uma suposta inadequação ou inferioridade.

Observamos também que as dificuldades que os alunos enfrentam em atividades linguísticas frequentemente são atribuídas à falta de capacidade, quando na verdade refletem um repertório linguístico diversificado, oriundo de seus contextos familiares e sociais. O grau de rejeição social das variantes populares está associado à construção de uma cultura escolar crítica em relação à discriminação linguística, que requer uma compreensão adequada da heterogeneidade linguística do país, sua história social e suas características atuais. Essa compreensão deve começar pelos próprios educadores e se estender aos alunos.

Na realidade, essas questões decorrem do desconhecimento das variedades linguísticas existentes no Brasil, que leva a escola a tratar a língua materna como algo estático, homogêneo e imutável. A língua portuguesa, como todas as línguas humanas, deve ser vista como um organismo vivo, heterogêneo, sujeito a variação e mudança, influenciado por diversos fatores linguísticos e sócio-históricos. A doutora em linguística Irandé Antunes (2007) destaca a importância de valorizar a linguagem que o aluno traz para a escola, reconhecendo sua riqueza e diversidade.

Para ser eficaz comunicativamente, não basta, portanto, saber apenas as regras específicas da gramática, das diferentes

classes de palavras, suas flexões, suas combinações possíveis, a ordem de sua colocação nas frases, seus casos de concordância, entre outras. Tudo isso é necessário, mas não é suficiente (Antunes, 2007, p.41).

Aquiescemos com Antunes, que destaca a importância da consciência linguística para a eficácia comunicativa. Para que um falante se comunique de forma eficiente, é essencial que compreenda seu interlocutor e o contexto da interação, prevendo o que já é conhecido e ajustando sua comunicação às necessidades e interesses do outro. Além disso, é fundamental escolher a modalidade da língua (oral ou escrita) e o registro apropriado (formal ou informal) para cada situação. Embora teóricos como Antunes e documentos oficiais, como a BNCC e os PCNs, promovam essa consciência, ainda há uma necessidade de aprimoramento no ensino da língua para torná-lo mais efetivo e contextualizado. Apesar desses esforços, ainda é necessário um maior empenho da escola por um ensino de língua cada vez mais efetivo, atuante e contextualmente significativo.

O desafio é reconhecer o valor do registro popular da língua e usá-lo como ponto de partida para o ensino do registro formal, promovendo uma educação linguística que reflita a heterogeneidade da língua e a realidade do aluno.

A Educação Linguística deve considerar os diversos usos da língua, conforme as condições sociais, culturais, históricas e geográficas dos falantes. Baseada na sociolinguística educacional, essa abordagem busca entender a realidade cultural e social dos alunos e a influência das variedades linguísticas. Travaglia (2003) afirma que, ao integrar esses diversos recursos linguísticos, o aluno estará melhor preparado para interagir de maneira eficaz em diferentes contextos, escolhendo a forma mais adequada para cada situação.

[...] das possibilidades significativas dos recursos linguísticos e suas condições de uso para funcionar como pistas e /ou instruções de sentido para dado efeito pretendido ou possível, tanto na produção quanto na compreensão dos textos que interagimos comunicacionalmente. (Travaglia, 2003, p.19-20)

À luz dessa citação, é possível perceber que a escola deve oferecer os recursos necessários para que os alunos compreendam e utilizem as ferramentas

linguísticas de acordo com suas reais necessidades. A Educação Linguística precisa ser mais explorada, especialmente nas escolas de Ensino Fundamental e Médio, onde o preconceito contra as variantes não padrão ainda é muito prevalente. Esse preconceito é frequentemente exacerbado até mesmo pelos próprios professores de língua portuguesa, que ao corrigirem os erros dos alunos, muitas vezes fazem com que estes se sintam inadequados.

É importante frisar que a intenção não é promover um ensino de língua materna focado apenas nos erros gramaticais, mas sim proporcionar uma abordagem que não faça com que os alunos sejam vistos como incapazes por não dominarem a gramática normativa. A escola deve preparar os alunos para que a norma padrão não seja internalizada automaticamente, mas sim compreendida em seu funcionamento natural.

Em vez de ver a variação linguística como algo negativo, a Educação Linguística deve valorizá-la como uma expressão da diversidade cultural. A variedade linguística é influenciada por diversos fatores, como a localização geográfica e a situação econômica. Reconhecer essas variáveis é essencial para compreender os falares característicos de diferentes comunidades e adaptar o ensino da língua materna às suas realidades.

Ao integrar a perspectiva da Sociolinguística Educacional, os objetivos da BNCC e as potencialidades da IA no ensino, é possível construir uma prática pedagógica mais inclusiva e eficaz. O uso de tecnologias de IA pode contribuir para o ensino de gêneros multimodais, a análise de registros formais e informais da língua e a ampliação do repertório linguístico dos estudantes, sem reforçar preconceitos linguísticos. Dessa forma, os professores se tornam mediadores no processo de ensino-aprendizagem, incentivando reflexões críticas sobre a língua e sua dinamicidade na sociedade.

Portanto, a interseção entre Sociolinguística Educacional, BNCC e Inteligência Artificial no ensino de Língua Portuguesa permite uma abordagem que não apenas respeita a diversidade linguística do país, mas também potencializa o uso de recursos tecnológicos para promover um ensino mais significativo e alinhado às necessidades contemporâneas.

2.2 Inteligência Artificial na Educação: Uma Revolução no Processo de Aprendizado

Ainda que pensemos que é um conceito recente, a inteligência artificial (IA) começou a ser estudada no século passado, em uma época em que a tecnologia não fazia parte do dia a dia da maioria das pessoas (Ertel, 2017). O início dos projetos relacionados à inteligência artificial remonta ao final da Segunda Guerra Mundial, motivado pela publicação do artigo intitulado "Computing Machinery and Intelligence", escrito por Alan Turing em 1950. Nesse trabalho, Turing levantou e rebateu diversas objeções à possibilidade de que máquinas fossem capazes de pensar. Reconhecido como um marco, o artigo figura entre as contribuições mais influentes tanto na história da inteligência artificial quanto na filosofia da mente.

Conforme explica Pereira (2018), o teste, idealizado por Alan Turing em 1950, consistia em um experimento no qual um ser humano interagia, por meio de um terminal, com uma entidade remota. Se, ao final, não fosse possível distinguir se a entidade era uma máquina ou outro humano, isso seria considerado uma evidência de inteligência artificial.

Apesar de o teste de Turing ser um marco inicial, foi apenas em 1956, na conferência organizada por John McCarthy no Dartmouth College, que o termo "inteligência artificial" foi oficialmente introduzido (Ertel, 2017). Essa nomenclatura simbolizou o início de uma nova era, marcada pela ambição de construir máquinas que simulassem habilidades humanas. Desde então, a inteligência artificial tem avançado de forma constante, impulsionada por estudos dedicados a entender seus limites, explorar aplicações práticas e avaliar seus impactos na sociedade.

A inteligência artificial abrange sistemas baseados em tecnologia da informação, projetados para que máquinas exibam comportamentos inteligentes ao empregar conceitos matemáticos, algoritmos e métodos da ciência da computação (Souza; Pauli, 2017). Essa capacidade é viabilizada pela habilidade das máquinas de aprender, utilizando dados históricos armazenados, simulações e análises contínuas, além de incorporar constantemente novos dados ao processo (Silva; Gonsales, 2018).

A inteligência artificial, impulsionada pela crescente disponibilidade de dados e avanços tecnológicos no processamento computacional, tem se consolidado

como uma ferramenta essencial em diversos setores. Suas aplicações abrangem áreas como saúde, educação, finanças, segurança, transporte, agricultura e indústria, além de serem amplamente exploradas em serviços de atendimento ao cliente, entre outros campos.

Uma das definições mais relevantes e amplamente citadas sobre IA foi proposta por Rich e Knight (1994), que a descrevem como o estudo de como fazer com que computadores realizem tarefas que, atualmente, são executadas de maneira mais eficiente por seres humanos. Essa definição destaca a IA como um campo voltado para a replicação ou superação de capacidades humanas por meio de sistemas computacionais. Complementarmente, Picão et al. (2023, p. 198) apresentam uma definição mais técnica, afirmando que “a IA pode ser definida como um conjunto de algoritmos e técnicas que permitem que as máquinas aprendam a partir de dados e experiências anteriores, e possam tomar decisões de forma autônoma”. Essa perspectiva enfatiza a capacidade da IA de aprender e evoluir com base em informações prévias, característica central dos sistemas de aprendizado de máquina (machine learning).

A IA é reconhecida como uma ciência multidisciplinar, que integra conhecimentos de diversas áreas, como Engenharia, Computação, Lógica, Probabilidade e Ciências Neurológicas. Conforme destacam Pozzebom, Frigo e Bittencourt (2004), a IA pode ser compreendida sob dois aspectos principais: como uma ciência, que busca estudar e compreender o fenômeno da inteligência, e como uma área da engenharia, que visa desenvolver ferramentas e sistemas capazes de ampliar e apoiar a inteligência humana. Essa dualidade reflete a natureza tanto teórica quanto aplicada da IA, que combina investigação científica com desenvolvimento tecnológico.

Além disso, a IA tem se mostrado um campo em constante evolução, impulsionado por avanços significativos em áreas como processamento de linguagem natural, visão computacional e redes neurais artificiais. Tais progressos têm permitido a criação de sistemas cada vez mais sofisticados, capazes de realizar tarefas complexas, como diagnóstico médico, tradução automática e automação de processos industriais. Nesse contexto, a IA não apenas replica habilidades humanas, mas também abre novas possibilidades para a resolução de problemas em escala global, contribuindo para o desenvolvimento de soluções inovadoras em

diversas áreas do conhecimento.

Magalhães e Vendramini (2018) destacam que a IA se destaca por sua capacidade de aprendizado autônomo, que é fundamental para diversas inovações. Exemplos notáveis incluem a identificação facial e de voz, amplamente utilizadas em soluções de segurança. No setor de transporte, a condução de veículos autônomos ilustra o impacto transformador da IA. Na indústria e no ambiente corporativo, a automação de processos tem melhorado a eficiência e produtividade, enquanto na agricultura, a tecnologia tem possibilitado a identificação antecipada de doenças, pragas e mudanças ambientais adversas. Na área da educação, os sistemas de tutoria inteligente (em inglês, *intelligent tutoring systems*) têm um papel importante no processo de construção do conhecimento dos alunos em sala de aula. Esses sistemas são capazes de ajustar o conteúdo de ensino de acordo com as necessidades específicas de cada estudante, oferecendo um percurso de aprendizagem personalizado.

A evolução das tecnologias digitais de informação e comunicação tem transformado profundamente a sociedade em todas as suas dimensões, inclusive a educação. A hipercomunicação (causada principalmente pela banda larga e mobilidade), a disponibilidade e o acesso a conteúdo (alavancados pela big data e pela cloud computing), somadas às tecnologias inteligentes criativas (possibilitadas pelo avanço da inteligência artificial), tem modificado a forma como as pessoas obtêm, trocam e criam informações, impactando conseqüentemente como aprendem – e isso muda completamente as regras do jogo da educação (Gabriel, 2023, p. 1, grifos do original)

Uma outra aplicação da inteligência artificial, que já está em uso, é a tradução de idiomas. Com essa tecnologia, é possível interpretar e responder a questões em idiomas que não são familiares ao usuário. Um exemplo comum disso é o uso de ferramentas de tradução disponíveis na internet, onde basta digitar uma palavra ou texto e o sistema automaticamente realiza a tradução, fornecendo a resposta ou interpretação desejada. Esse é um exemplo simples e eficiente de como a IA facilita a troca de conhecimento entre diferentes línguas e culturas.

Além disso, a IA está presente no cotidiano de milhões de pessoas por meio de plataformas digitais amplamente utilizadas. No Facebook, por exemplo, *chatbots*

realizam interações automáticas com usuários (Barbosa, 2019). De maneira semelhante, assistentes virtuais como o Google Assistente, Siri (Apple), Alexa (Amazon) e Cortana (Microsoft) ilustram como a inteligência artificial se integrou de forma definitiva à rotina das pessoas (Sgarbosa; Del Vecchio, 2020).

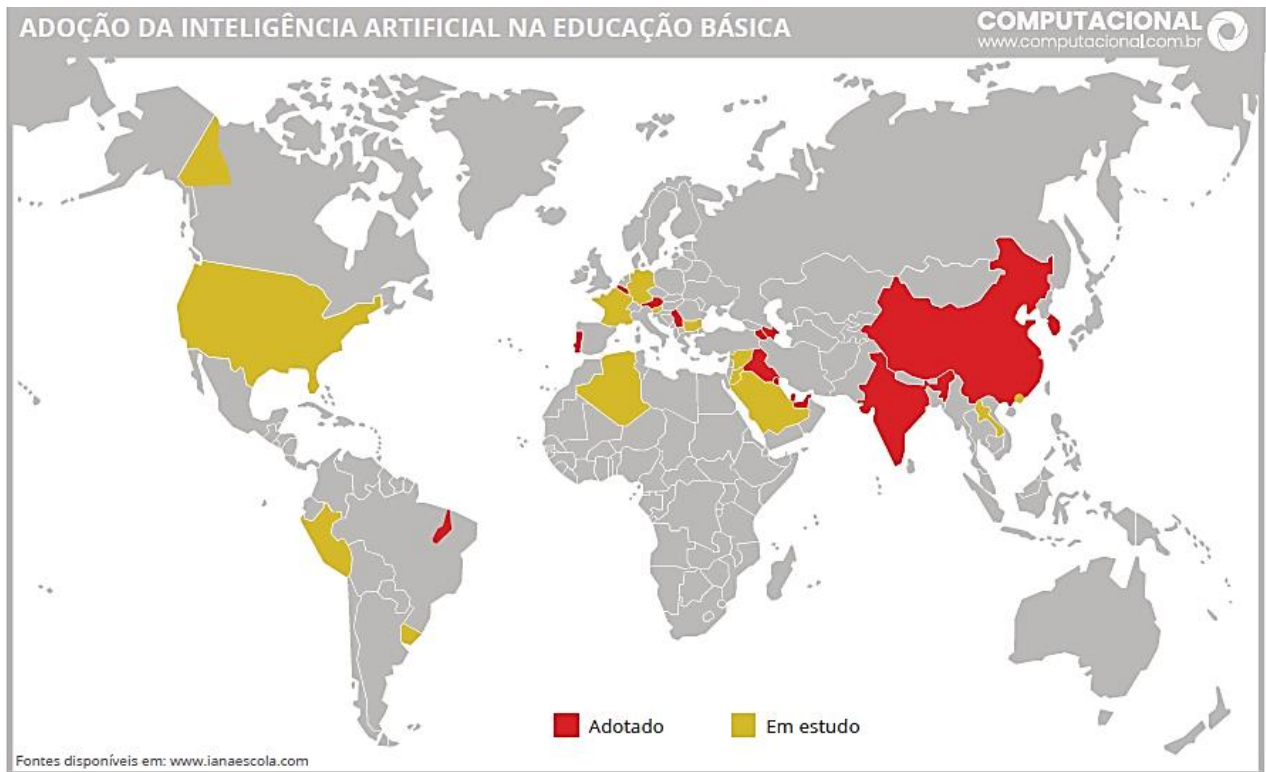
No contexto das discussões sobre escola, currículo e tecnologia, destacamos o impacto da IA na sociedade contemporânea, que desperta incertezas sobre suas possíveis consequências e o futuro da humanidade. Um dos questionamentos frequentes é se a IA poderia substituir o papel do professor. Embora não apoiemos essa ideia, acreditamos que o professor deve ser preparado para estimular reflexões e debates sobre esses temas na educação básica. É essencial promover o letramento sobre o futuro e o desenvolvimento do pensamento crítico (Gabriel, 2023), para que o educador assuma o papel de protagonista, pesquisador e criador de sua prática curricular.

De acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI)¹, nos anos de 2025 e 2026, a inteligência artificial deverá impactar 60% dos empregos nas economias avançadas e 40% dos empregos globalmente. Isso significa que é urgente tomar medidas para preparar a população em geral, especialmente empresas e estudantes, para essa transformação. Países que se anteciparem a essa mudança poderão experimentar um aumento na produtividade, enquanto a falta de preparação pode resultar em maior desinformação e desigualdades sociais em todo o mundo. Para se adaptar, diversos países estão incorporando a IA na educação básica de maneiras distintas. Como essa integração é um processo contínuo, o mapa da figura 03 apresenta apenas uma visão da situação atual. No Brasil, algumas iniciativas estão em andamento, como no estado do Piauí, que tem investido na capacitação de professores e na inclusão de disciplinas sobre inteligência artificial no currículo escolar.

1

<https://hr.asia/top-news/artificial-intelligence-likely-to-impact-40-60-of-jobs/?ad=dirN&debug=0&prod=HP&cmpgn=rapha&annot=false&sameTabLaunch=false&o=APN12175&installSource=client&browser=Chrome&darkMode=false&ueid=2F812E49-1F38-41DD-A02A-7C7D484E88B7&doi=2024-05-03>

FIGURA 03



Fonte: ianaescola.com

Observando esse mapa percebemos que o letramento em IA não pode ser dissociado do contexto escolar, e diversos países e instituições já estão implementando a inteligência artificial em seus currículos. Para utilizar a IA de maneira adequada e oferecer uma educação que prepare para a cidadania e para o mercado de trabalho, será essencial capacitar os professores tanto para utilizar essas tecnologias quanto para ensinar sobre elas, estimulando o pensamento crítico com e sobre a IA. A escola e a inteligência artificial precisam caminhar juntas para preparar os futuros cidadãos a lidar com mais uma tecnologia disruptiva.

2.3 Explorando a Relação entre IA e Aprendizagem da Geração Alpha

A pandemia de COVID-19 provocou mudanças profundas em diversas áreas, e a educação foi uma das mais impactadas. A necessidade de distanciamento social levou ao fechamento de escolas e forçou uma transição emergencial para o ensino remoto, alterando significativamente a maneira como

estudantes e professores interagem. Essa transformação acelerou a integração do mundo digital à educação básica, marcando o início de uma nova era para o aprendizado.

Antes da pandemia, o uso da tecnologia na educação básica era visto como um complemento. Com o avanço da crise sanitária, tornou-se o principal meio de garantir a continuidade do ensino. Plataformas de videoconferência, como Zoom, Google Meet e Microsoft Teams, passaram a ser utilizadas para aulas síncronas, enquanto ambientes virtuais de aprendizagem, como Google Classroom e Moodle, facilitaram a organização de conteúdos e tarefas. Essa digitalização também possibilitou a adoção de ferramentas inovadoras, como jogos educativos, aplicativos de ensino adaptativo e IA para personalizar a aprendizagem.

Apesar das oportunidades, essa transição expôs desigualdades significativas. O acesso à internet e a dispositivos tecnológicos foi um desafio para muitas famílias, especialmente em comunidades de baixa renda. Professores, por sua vez, precisaram se adaptar rapidamente, adquirindo competências digitais que nem sempre faziam parte de sua formação inicial. Essa situação evidenciou a necessidade de políticas públicas voltadas à inclusão digital e à formação contínua de docentes. Com a reabertura das escolas, o mundo digital não foi abandonado; pelo contrário, tornou-se um aliado indispensável. O modelo híbrido, que combinava aulas presenciais e online, ganhou força. Ferramentas digitais eram e são amplamente usadas para complementar o ensino, facilitando o acesso a materiais didáticos, avaliações online e comunicação entre professores, alunos e responsáveis.

A pandemia de COVID-19, embora desafiadora, trouxe à tona o potencial transformador da tecnologia na educação básica. Mais do que nunca, o uso de recursos digitais é essencial para preparar os estudantes para um mundo cada vez mais conectado e tecnológico. Contudo, para que essa transformação seja sustentável e inclusiva, é crucial investir na redução das desigualdades digitais e na capacitação contínua de educadores e alunos.

Atrelado a essa questão de transformação, nos primeiros meses de 2023, o *Chat Generative Pre-trained Transformer* (ChatGPT), desenvolvido pela empresa OpenAI, tornou-se um dos tópicos mais comentados pela mídia em escala global. Este modelo de inteligência artificial, cuja sigla significa "Transformador Pré-

Treinado Generativo de Conversação", chamou a atenção por sua capacidade impressionante de compreender e gerar textos de maneira coerente, quase como se fosse um ser humano interagindo.

O ChatGPT foi desenvolvido pela OpenAI utilizando uma arquitetura de aprendizado profundo chamada Transformador, que é a base de modelos como o GPT (*Generative Pre-trained Transformer*). Ele é treinado por meio de um processo em duas etapas principais: pré-treinamento e ajuste fino. Na primeira fase, o modelo foi treinado em uma vasta quantidade de texto disponível publicamente, como livros, artigos, páginas da web e outras fontes textuais. O objetivo era ensinar o modelo a prever a próxima palavra em uma sequência, permitindo que ele aprendesse padrões de linguagem, gramática, e estrutura de textos. Após o pré-treinamento, o modelo passou por uma segunda etapa, na qual foi ajustado para melhorar sua capacidade de responder de forma útil e segura. Nesta etapa, os pesquisadores usaram métodos como o *Reinforcement Learning with Human Feedback* (RLHF), onde humanos avaliaram e classificaram as respostas do modelo para ajudar a ajustá-lo de acordo com critérios específicos de qualidade.

O ChatGPT foi treinado em um amplo conjunto de dados textuais retirados de diversas fontes disponíveis publicamente, incluindo: - Livros: Obras literárias, técnicas, científicas e de outros gêneros; - Artigos da Web: Textos de blogs, jornais e revistas disponíveis online; - Páginas da Internet: Informações provenientes de sites públicos, fóruns e plataformas educacionais; assim como - Fontes públicas de conhecimento: Exemplos incluem wikis ou bancos de dados livres.

O modelo não possui acesso direto à internet em tempo real, nem consulta fontes externas ao interagir com os usuários. Em vez disso, ele baseia suas respostas em padrões e informações assimilados durante o treinamento. Esperamos que nessa seção sejam exploradas as questões que desafiam e provocam reflexões sobre a incorporação da inteligência artificial, em especial o ChatGPT, no âmbito educacional. O propósito é delinear um panorama conciso desse cenário, destacando elementos essenciais a serem ponderados nos contextos escolares e acadêmicos ao interagir com Inteligências Artificiais Generativas (IAGs). Essas tecnologias se caracterizam pela habilidade de gerar novas informações com base em dados previamente armazenados.

A repercussão do ChatGPT foi impulsionada tanto por sua versatilidade

quanto pelas implicações que trouxe para diversas áreas, incluindo educação, trabalho, comunicação e entretenimento. A ferramenta demonstrou ser capaz de realizar tarefas complexas, como redigir textos criativos, elaborar resumos, traduzir idiomas, responder perguntas técnicas e até mesmo oferecer suporte em atividades mais especializadas, como programação e análise de dados.

A acessibilidade do ChatGPT também foi um fator determinante para seu impacto. Diferentemente de outras tecnologias de IA que operavam nos bastidores de grandes corporações, o ChatGPT foi disponibilizado ao público de forma ampla. Isso despertou a curiosidade de indivíduos de diferentes idades e profissões, que exploraram suas capacidades para fins diversos, desde solucionar dúvidas cotidianas até criar conteúdos profissionais.

Por outro lado, a popularidade da ferramenta também levantou discussões éticas e sociais. Questões relacionadas ao uso indevido da IA, como a disseminação de desinformação, a substituição de trabalhos humanos e a necessidade de regulamentação, ganharam destaque nos debates públicos. Além disso, a precisão e os limites do ChatGPT, como possíveis viesamentos nos dados que o alimentam, foram amplamente analisados por especialistas.

A intensa cobertura midiática sobre o ChatGPT em 2023 não só destacou os avanços impressionantes da inteligência artificial, mas também colocou em evidência os desafios e responsabilidades associados à sua integração no cotidiano. Este momento marcou um ponto de virada no entendimento público sobre o papel da IA, indicando que ela não é apenas uma tecnologia do futuro, mas uma realidade presente que continuará moldando nossas interações e processos.

Com base nessa perspectiva, é fundamental promover uma interação consciente com o ChatGPT nos contextos acadêmicos e escolares, abrindo espaço para aprender a formular perguntas, avaliar criticamente as respostas geradas e examinar a coerência, a veracidade e as fontes das informações. Além disso, é crucial considerar o contexto em que os textos foram produzidos e a consistência dos dados apresentados.

Para isso, tanto estudantes quanto professores e pesquisadores precisam fortalecer habilidades como pensamento crítico, letramento digital e a capacidade de solucionar problemas. Isso se torna ainda mais relevante diante dos desafios inerentes às produções do ChatGPT, que podem incluir vieses algorítmicos e uma

falta de transparência nos processos de decisão conduzidos pela inteligência artificial. Para alguns, o ChatGPT oferece imenso potencial de transformação e inovação; para outros, representa uma ameaça à educação, pois pode incentivar o plágio e levar os alunos ao comodismo no ato de ler e produzir conhecimentos.

Entretanto, é aqui que entra o papel da educação e do educador: promover o uso responsável, crítico e reflexivo das tecnologias, de modo que, ao invés de plagiar, os alunos se tornem coautores capazes de pensar, interagir, ler, interpretar, analisar, produzir e aprender (Pimentel, 2023b).

3. ANÁLISE SOBRE OS GÊNEROS DISCURSIVOS DIGITAIS E SUA UTILIZAÇÃO PARA A GERAÇÃO ALPHA

O mundo atual enfrenta transformações significativas em diversos aspectos, especialmente no que diz respeito à linguagem, devido ao avanço das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). Nesse cenário, o processo educacional está passando por mudanças profundas, particularmente no que se refere à construção do conhecimento, ao papel do aprendiz e ao papel do educador, que media essas interações, especialmente no ensino da língua portuguesa para uma geração que cresceu imersa em ambientes digitais, o que molda os gêneros discursivos com os quais eles mais interagem.

Segundo Xavier (2005), o letramento digital se concretiza através do “uso intensivo das novas tecnologias de informação e comunicação, e pela aquisição dos diversos gêneros digitais”. Para o autor, a condição de letrado digital exige uma atualização das práticas de leitura e escrita, adaptando-se à velocidade da aprendizagem, ao gerenciamento e ao compartilhamento das informações.

Nesse contexto, letramento digital é a capacidade de acessar, compreender, avaliar e produzir informações por meio de tecnologias digitais. Em outras palavras, trata-se da habilidade de usar ferramentas digitais não apenas para consumir conteúdo, mas também para criar, compartilhar e interagir de maneira crítica e ética com as informações que circulam no ambiente digital. O letramento digital vai além de saber usar um computador ou smartphone; ele envolve compreender como as tecnologias impactam a comunicação, a educação, a cidadania e as relações sociais. Portanto, é fundamental que nós, educadores, busquemos os métodos de ensino mais eficazes para os alunos contemporâneos, especializando-nos nas novas demandas e lutando por políticas educacionais que não apenas equipem os laboratórios escolares, mas que também capacitem educadores e alunos a utilizar esses recursos com autonomia e competência.

Na era atual, novas formas de práticas sociais emergem na leitura e na escrita, impulsionadas pelas tecnologias digitais. De acordo com a pesquisadora Lucia Santaella (2008), “quanto mais mídias se multiplicam, mais aumentam a movimentação e a interação ininterrupta das mais diversas formas de cultura, dinamizando as relações entre diferenciadas espécies de produção cultural”

(Santaella, 2008).

Luft (2000) descreve a língua como “um sistema aberto, dinâmico e flexível”, e alerta que a abordagem gramatical tradicional pode levar a uma visão negativa do próprio idioma, criando uma sensação de inadequação no uso da língua e bloqueios criativos. Luft defende que a solução está em práticas contínuas de leitura e escrita, argumentando que a escola deve promover “ler (ler e ler), debater, escrever (escrever e escrever)”, sugerindo que, ao invés de seguir rigidamente as normas gramaticais, devemos também “gramatizar” (Luft, 2000).

Portanto, é fundamental reconhecer que a flexibilidade e a competência de expressão são mais importantes do que a aderência rígida às normas gramaticais. De acordo com o autor, o falante ideal é aquele que, mesmo em meio às diversas variantes da língua, consegue selecionar e utilizar as formas mais adequadas e eficazes, empregando técnica vocal e dicção convincentes. A questão central da linguagem não reside apenas na dicotomia entre ‘certo’ e ‘errado’, mas na capacidade do indivíduo de se adaptar às condições atuais de comunicação social.

Nesse contexto, o educador de línguas, especialmente o de língua materna, deve revisar suas metodologias para evitar que a norma padrão se torne um conjunto de regras obsoletas que não promove o uso efetivo da língua, mas limita o falante às condições impostas vertical e horizontalmente como corretas. Além disso, um estudo comparativo das variações e normas da língua seria extremamente benéfico para os alunos, permitindo-lhes compreender tanto a norma padrão quanto seus desvios, e aplicá-los adequadamente em diferentes contextos de comunicação, incluindo os meios midiáticos e virtuais.

Diversos estudos na área da Educação e Linguística têm apontado para a limitação do repertório de leitura entre educadores, o que pode resultar em práticas pedagógicas repetitivas e pouco estimulantes. Conforme destacado por Paulo Coimbra Guedes (2006), é comum que os professores recorram quase exclusivamente a materiais didáticos tradicionais, o que tende a levar à estagnação e à reprodução mecânica de conteúdos. Essa abordagem, além de não contribuir para o desenvolvimento de habilidades críticas e criativas, dificulta o engajamento dos alunos no universo da leitura e da escrita. Guedes (2006) enfatiza que “cabe ao professor instalar no aluno o gosto pela leitura, transformar esse gosto em necessidade, ensinando-o a enriquecer o que vive pelo que leu. O professor de

língua não pode esperar por um leitor; sua tarefa é construí-lo”. Dessa forma, o educador deve assumir o papel de um leitor ávido e engajado, servindo como modelo e inspiração para seus alunos. As aulas, sejam expositivas ou interativas, precisam ser conduzidas por profissionais que demonstrem, em sua prática, o valor e o prazer da leitura, incentivando os estudantes a se tornarem leitores ativos, mesmo que em estágios iniciais.

Por outro lado, Magda Soares (2005) chama atenção para o fato de que o termo "letramento" é relativamente recente no campo dos estudos linguísticos e da Educação, especialmente quando comparado a conceitos mais tradicionais, como "analfabetismo", "analfabeto", "alfabetizar", "alfabetização", "alfabetizado", "letrado" e "iletrado". De acordo com o Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (Ferreira, 2004), "analfabetismo" refere-se ao "estado ou condição de analfabeto"; "analfabeto" designa aquele que "não sabe ler e escrever"; "alfabetizar" significa "ensinar a ler" (e, implicitamente, a escrever); "alfabetização" é o processo de ensinar a ler e escrever; e "alfabetizado" é o indivíduo que sabe ler e, conseqüentemente, escrever. Já "iletrado" refere-se a alguém que "não tem conhecimentos literários", enquanto "letrado" é sinônimo de "versado em letras, erudito" (Ferreira, 2004).

No entanto, o termo "letramento" não recebe uma definição clara no Dicionário Aurélio. Soares (2005) observa que a única referência ao termo aparece no Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete (1980), uma obra com mais de um século de publicação. Nesse dicionário, "letramento" é classificado como "antiquado" (ant.) e interpretado como "escrita". Além disso, o termo está associado ao verbo "letrar", que, no uso transitivo direto, é definido como "investigar, soletrando" e, na forma pronominal "letrar-se", é entendido como "adquirir letras ou conhecimentos literários" (Aulete, 1980). Essa lacuna nos dicionários tradicionais reflete a complexidade e a evolução do conceito de letramento, que, na contemporaneidade, vai além da simples aquisição de habilidades de leitura e escrita, abrangendo também as práticas sociais e culturais associadas ao uso da língua.

Ao focarmos nossa pesquisa na textualidade escrita e virtual, é essencial considerar a perspectiva de Charles Bazerman (2006). Segundo o autor, os gêneros textuais não são apenas formatos ou estruturas, mas sim componentes

essenciais das relações sociais padronizadas, do espaço comunicativo e da organização cognitiva dos indivíduos. Bazerman afirma que “são formas de vida, modos de ser”, e continua: “São frames para a ação social, são ambientes para a aprendizagem. São lugares onde o sentido é construído. Moldam os pensamentos que formamos e as comunicações através das quais interagimos” (Bazerman, 2006).

Para ele, é crucial que nós, educadores, revitalizemos o espaço da sala de aula, mantendo os gêneros textuais como elementos centrais em atividades de comunicação e informação. Esses gêneros oferecem aos alunos não apenas um meio de expressão oral e escrita, mas também uma oportunidade para explorar novas áreas discursivas. Assim, facilitamos a expansão de seus horizontes linguísticos, ajudando-os a ultrapassar os limites de seu ambiente linguístico habitual. Além disso, os gêneros textuais servem como ferramentas para a descoberta dos recursos que os alunos trazem de sua formação intelectual e experiência social, incluindo os gêneros da escrita virtual contemporânea.

Para Dolz e Schneuwly (2004), “Do ponto de vista do uso e da aprendizagem, o gênero pode ser visto como um instrumento fundamental, que oferece suporte para atividades de comunicação e serve de referência para os aprendizes.” Historicamente, as instituições educacionais têm lidado com diferentes formas de comunicação, como declarações, ofícios, bilhetes, editais, anúncios e e-mails, independentemente da abordagem adotada. Cada tipo de texto possui características específicas que atendem a propósitos distintos, refletindo as diversas maneiras pelas quais a linguagem é utilizada e organizada em contextos variados.

Para Dolz e Schneuwly (2004), o gênero², enquanto ferramenta de comunicação, transforma-se em um meio essencial para a expressão de pensamentos, percepções e experiências. No contexto educacional, o gênero não

² A distinção entre gêneros textuais e gêneros discursivos reside no enfoque teórico de cada conceito. Os gêneros textuais referem-se às formas estáveis de organização textual, com ênfase em estrutura, linguagem e funções previsíveis, como em relatórios ou poemas. Já os gêneros discursivos, conforme Bakhtin, vinculam-se às práticas sociais e interações comunicativas, destacando a relação entre texto, contexto e participantes. Enquanto os gêneros textuais priorizam a forma, os discursivos enfatizam a função social. Ambos, no entanto, reconhecem os gêneros como produtos de práticas sociais e ferramentas de comunicação, adaptando-se às necessidades dos contextos em que são utilizados. Dessa forma, em nosso trabalho, quando nos referirmos aos gêneros textuais ou discursivos, estamos nos referindo a função comunicativa dos gêneros.

só atua como um mecanismo de comunicação, mas também se torna um objeto de ensino e aprendizagem. Assim, a escola emerge como um espaço genuíno para a comunicação e a troca de informações, proporcionando condições para a produção e recepção de textos, tanto em formatos impressos quanto digitais.

A diferença entre as perspectivas de Charles Bazerman e Joaquim Dolz e Bernard Schneuwly sobre gêneros textuais reside principalmente no enfoque teórico e nos objetivos de suas abordagens. Bazerman, alinhado à Teoria dos Gêneros Sociorretóricos, entende os gêneros como práticas sociais dinâmicas que emergem de contextos comunicativos específicos, enfatizando sua função retórica e adaptabilidade. Sua análise concentra-se em como os gêneros refletem e moldam as interações humanas em comunidades discursivas, com foco em contextos históricos e institucionais. Por outro lado, Dolz e Schneuwly, baseados na Teoria do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), adotam uma abordagem didática, utilizando os gêneros como ferramentas pedagógicas para o desenvolvimento de competências linguísticas e discursivas dos alunos. Eles propõem o uso de sequências didáticas para o ensino de gêneros, com ênfase na estrutura, organização textual e aplicação em práticas escolares. Enquanto Bazerman prioriza a compreensão dos gêneros em seu contexto social, Dolz e Schneuwly focam na sua aplicação no ensino, tornando as duas perspectivas complementares para o estudo e a prática dos gêneros textuais.

Os alunos, nesse último cenário, têm a oportunidade de utilizar a escrita como um meio para engajar em diversas atividades dentro da comunidade escolar. Este ambiente favorece a produção textual, abrangendo tanto gêneros tradicionais quanto aqueles vinculados ao universo virtual.

Com a chegada da era digital, a definição de texto evoluiu consideravelmente. A emergência de novas variações linguísticas e a criação de novos gêneros textuais, impulsionados pelas tecnologias da informação, transformaram a forma como nos comunicamos. Entre os gêneros textuais mais populares para essa geração, destacamos:

-Vídeos curtos (Reels, TikTok, Shorts) : Esses vídeos são um dos principais formatos de interação da geração Alpha, que consome conteúdo rápido, visual e acessível, muitas vezes com linguagem informal e humor;

-Stories e posts em redes sociais : Com formatos mais efêmeros e

interativos, esses conteúdos são muito populares por permitirem comunicação instantânea. Uso de fotos e vídeos curtos, filtros, stickers, hashtags e legendas concisas. A interatividade é elevada, com ênfase em curtidas, comentários e compartilhamentos;

-Memes : Gênero que combina imagem e texto curto, os memes são altamente úteis e facilmente compreensíveis, captando rapidamente a atenção e proporcionando humor;

-Conteúdo de Streaming, vídeos de gameplay e lives: Transmissões ao vivo e vídeos de gameplay no YouTube e Twitch são populares; Consumo e criação de vídeos tutoriais, vlogs, lives e específicos de jogos. Alta interatividade com o público através de comentários e chats ao vivo.

-Blogs, Vlogs, Podcasts e vídeos explicativos (infotainment): Compartilhamento de interesses, hobbies e experiências pessoais através de textos (blogs) e vídeos que ensinam ou explicam algo, de maneira leve e muitas vezes humorística;

-Plataformas de Colaboração e aprendizagem: Comunicação estruturada para fins educacionais, com fóruns de discussão, trabalhos em grupo e apresentações digitais. Uso de ferramentas interativas, através de plataformas como Google Classroom, Microsoft Teams, Zoom e outras ferramentas educacionais;

-Posts com enquetes e quizzes interativos : Esses posts permitem uma interação direta, onde os jovens podem realizar pesquisas e interagir;

-Fanfiction e histórias em plataformas digitais e Mensagens de voz e textos rápidos: Comunicação rápida e informal, uso frequente de emojis, gifs, memes e abreviações. Interação constante com amigos e familiares;

Modelos de expressão modernos foram introduzidos e alguns antigos foram revisitados. Contudo, o contexto textual continua sendo uma instância de enunciação, estabelecendo um contrato entre os interlocutores. É essencial compreender o que essa nova realidade demanda de cada parte envolvida e quais estratégias e normas devem ser aplicadas para atingir os objetivos propostos. Compreender esses gêneros é essencial para adaptar as metodologias de ensino às práticas comunicativas atuais da Geração Alpha. Como Bazerman (1997) observa, “gêneros são tipos de enunciados associados a situações retóricas —

estão ligados a tipos e atividades que os indivíduos realizam, dizem e pensam como partes dos enunciados”.

3.1 O ensino de língua portuguesa e os gêneros emergentes na era da virtualidade.

Atualmente, a escola enfrenta um desafio significativo: preparar os alunos para lidar com os novos meios tecnológicos de informação e comunicação, de forma crítica e informada. De acordo com Freire (1996, p. 28), “o educador democrático não pode negar-se o dever de, na sua prática docente, reforçar a capacidade crítica do educando, sua curiosidade, sua insubmissão”. Assim, é essencial formar indivíduos que não apenas compreendam e utilizem os novos suportes tecnológicos, mas também desenvolvam uma postura crítica e criativa em relação a eles. O papel do educador, especialmente no ensino de línguas, é crucial nesse processo. A sociedade espera que esses profissionais preparem os alunos para o mercado de trabalho e para os desafios sociais contemporâneos, utilizando os gêneros digitais como ferramentas didáticas essenciais. O educador deve se apropriar desses recursos e usá-los de maneira eficaz para capacitar os alunos a se adaptarem e interagirem com os diversos gêneros da linguagem moderna, conforme destaca Costa Val (2007, p. 24):

Se os gêneros se caracterizam pela sua função, pela ação de linguagem que concretizam nos diferentes contextos sociais, outra conclusão importante é que eles devem ser abordados na sala de aula de maneira funcional. Isso significa trabalhar com o objetivo de que os alunos aprendam a usá-los.

É fundamental reconhecer que adolescentes, jovens e adultos, imersos no mundo atual das tecnologias, estão diariamente em contato com diversas formas de textualidade na mídia virtual. Por isso, muitos autores defendem a necessidade de incorporar à sala de aula, especialmente em momentos-chave, ferramentas que promovam habilidades de leitura, produção e compreensão de textos dentro dos novos paradigmas das TICs, especialmente após o advento da internet. Ensinar apenas com base na gramática normativa não é mais suficiente para atender às

demandas do mercado de trabalho e das sociedades letradas; é necessário conectar a gramática com a tecnologia e adotar práticas contemporâneas e atividades relacionadas à linguagem no ambiente virtual. Isso prepara os indivíduos não só para ler e escrever de forma eficaz, mas também para interpretar a realidade ao seu redor, rompendo barreiras tanto no meio digital quanto no impresso, e utilizando os diferentes gêneros textuais em suas variações.

Embora o termo "tecnologia" frequentemente se associe a equipamentos microeletrônicos, como computadores e sistemas informatizados, o Novo Dicionário Aurélio define tecnologia como o “conjunto de conhecimentos, especificamente científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade” (Ferreira, 2004). Originado do grego, com “tekne” significando arte, técnica ou ofício, e “logos” referindo-se ao “conjunto de saberes”, tecnologia engloba os conhecimentos que facilitam a fabricação de objetos e a modificação do ambiente, com o objetivo de satisfazer as necessidades humanas.

De acordo com Bazerman (2006), “é difícil ler coisas que não são interessantes.” Para garantir que os textos apresentados aos alunos sejam compreendidos e significativos para eles, é fundamental despertar seu interesse e desejo pelas diversas textualidades. Apenas ao introduzir métodos que ajudem os alunos a encontrar sentido nos textos é que eles se tornarão capazes de desenvolver habilidades e técnicas que conferem profundidade e clareza às suas leituras, interpretações e produções textuais. Bazerman também observa que os métodos de avaliação nas escolas merecem atenção, especialmente em relação ao ensino purista da língua. Avaliações que se concentram apenas em erros e falhas podem prejudicar a motivação dos alunos e limitar suas ambições na escrita, reduzindo suas produções a meros exercícios formais, sem conexão com as variações linguísticas reais. Em vez de simplesmente buscar a correção formal, é crucial valorizar a diversidade linguística e promover uma compreensão mais rica e contextualizada da língua.

Além disso, a aula de língua materna, ao integrar gêneros textuais e linguísticos contemporâneos, deve se transformar em um laboratório de produção textual, desenvolvendo habilidades tanto na modalidade oral quanto na escrita tradicional e virtual (letramento digital). Se essa abordagem não for adotada, o ambiente escolar pode se tornar um espaço de frustração, onde os alunos se

sentem inseguros sobre suas habilidades de escrita e fala. Portanto, é essencial continuar ensinando a norma padrão, mas também destacar e valorizar as diversas variedades da língua, reconhecendo que elas enriquecem a cultura local.

Segundo Possenti (1996, p. 94):

Aprender uma língua é aprender a dizer a mesma coisa de muitas formas. Não se deveria imaginar que existe só uma forma de falar, isto é, que um cheque tem que ser sempre de sessenta. Isto é, a língua nos dá sempre várias alternativas, e saber uma língua ativamente e "utilizá-la" como sujeito é em boa parte saber dizer uma coisa de muitas maneiras — inclusive, saber as pequenas diferenças de sentido e de condições de uso que essas várias maneiras implicam e supõem.

De acordo com o autor, existem diversas maneiras de expressar as mesmas ideias em uma língua, e não há um único caminho a seguir. Por trás das palavras e nas entrelinhas, há uma vasta gama de significados e interpretações que o leitor deve se esforçar para compreender. Travaglia, Araújo e Pinto (1984) destacam que “o professor deve estar atento às mudanças da língua e evitar o uso de uma norma que não mais reflita a realidade do uso culto, atual e corrente...” Eles acrescentam que “o essencial é que o professor tenha uma visão ampla das estruturas linguísticas e, sem dogmatismo, permita o desenvolvimento das habilidades linguísticas da criança”.

A integração das novas tecnologias ao ensino e ao uso da língua portuguesa permite uma abordagem mais contextualizada e interativa dos diferentes registros linguísticos. Por exemplo: O registro formal pode ser ensinado com o auxílio de corretores automáticos e simulações de situações profissionais. Já o registro acadêmico pode ser explorado por meio de plataformas que oferecem modelos de textos científicos e feedback sobre citações e referências. E por fim o registro informal pode ser praticado em interações com chatbots e em jogos educativos que simulam situações cotidianas. Essa integração não apenas facilita o domínio dos registros linguísticos, mas também promove a inclusão digital e o desenvolvimento de competências essenciais para a comunicação no século XXI.

As Tecnologias da Informação e Comunicação devem ser vistas como ferramentas que auxiliam tanto educadores quanto educandos na ampliação de

suas competências linguísticas e no desenvolvimento do gosto pela leitura, mesmo dentro da diversidade do idioma. Essa diversidade não se restringe à linguagem falada, mas se estende à escrita, especialmente no contexto digital. A linguagem utilizada em uma carta, por exemplo, difere substancialmente daquela usada em uma exposição científica ou em um artigo acadêmico, assim como a comunicação entre um funcionário e um presidente de empresa apresenta variações significativas. Com a devida adequação metodológica, é possível que a leitura seja apreciada como um prazer e um hábito.

Relacionando o ensino da língua-pátria com a internet, Sousa (2009) em “Internet & Ensino: novos gêneros, outros desafios”, discute a relevância das novas tecnologias para o ensino da língua materna. Ela argumenta que a digitalização representa não apenas uma oportunidade de renovação do ensino de língua, mas também um avanço significativo para o estágio evoluído da sociedade contemporânea na apropriação de novas tecnologias, tanto para a leitura quanto para a escrita. O acesso popularizado a essas tecnologias tem atraído a atenção de diversos cientistas e estudiosos, como Marcuschi e Xavier (2002), Santaella (2008), Pereira (2005), Bazerman (2006), Luft (2000) e Lévi (2003), que estão preocupados em entender o fenômeno da comunicação tanto no meio impresso quanto no digital (SOUSA, 2009, p. 199).

Marcuschi (2005) destaca que os gêneros textuais não são estruturas rígidas e pré-determinadas, mas sim formações interativas, multimodalizadas e flexíveis de organização social e produção de sentido. Ele observa que esses gêneros são formas de ação social relativamente estáveis dentro de comunidades de práticas sociais e domínios discursivos específicos. Além disso, ele exemplifica a influência do meio digital na linguagem, citando o jornal online como um exemplo de como a linguagem eletrônica, com vídeos e fotos, é utilizada para atrair usuários para o site. Kenski (2007) complementa, afirmando que “a linguagem digital é uma linguagem de síntese, que combina aspectos do oral e do escrito em novos contextos”, destacando a evolução contínua da comunicação na era digital. Assim:

[...] rompe com as formas narrativas circulares e repetidas da oralidade e com o encaminhamento contínuo e sequencial da escrita e se apresenta como um fenômeno descontínuo, fragmentado e, ao mesmo tempo, dinâmico, aberto e veloz. Deixa de lado a estrutura serial e hierárquica na articulação dos

conhecimentos e se abre para o estabelecimento de novas relações entre conteúdos, espaços, tempo e pessoas diferentes (Kenski, 2007, p. 31).

A autora aponta que, ao romper com as estruturas cíclicas da oralidade e com os modelos sequenciais e contínuos da escrita, a linguagem eletrônica se revela como um fenômeno fragmentado e dinâmico, caracterizado por sua rapidez e abertura. Essa forma de linguagem deixa de lado a estrutura linear e hierárquica dos saberes, estabelecendo novas relações entre indivíduos, tempos, espaços e conteúdos, por meio de enunciados cada vez mais diversos e inovadores.

Por outro lado, Bortoni-Ricardo (2005, p. 14) afirma que “a escola é orientada para ensinar a língua da cultura dominante; tudo que se desvia desse padrão é considerado defeituoso e deve ser eliminado”. A autora argumenta que, embora a língua padrão deva ser ensinada, é crucial preservar os conhecimentos sociolinguísticos e os valores culturais que os alunos já adquiriram em seus contextos sociais. Adicionalmente, mesmo diante das críticas à gramática tradicional, Traváglia, Araújo e Pinto (1984, p. 31) reconhecem a significativa contribuição desta para a educação, especialmente em um contexto onde outras fontes de pesquisa estão disponíveis.

Bazerman (2006, p. 10) afirma que “o gênero vai além de um construto formal, funcionando como uma ação tipificada que permite tornar nossas intenções e significados inteligíveis para os outros”. Ele considera o gênero como um veículo de agência, que deve ser ensinado dentro das situações e ações que são motivadoras e significativas. A dinâmica, interatividade e agentividade dos gêneros escritos indicam que a teoria deve focalizar indivíduos que buscam realizar atividades por meio da escrita, em um mundo em constante mudança. Bazerman reforça sua visão ao afirmar que, ao reconhecer os alunos como agentes capazes de usar criativamente a escrita dentro dos gêneros interacionais tipificados, mas mutáveis, eles compreenderão o poder da escrita e serão incentivados a se dedicar ao aprendizado e à produção textual (Bazerman, 2006, p. 11).

Com base nessa perspectiva, a internet, embora não seja uma solução definitiva, pode servir como uma ferramenta valiosa, oferecendo diversos recursos que atraem a atenção dos alunos para múltiplas formas de linguagem e facilitando a expressão escrita e a interação. Atualmente, o novo 'hábito de leitura e escrita'

de muitos adolescentes e jovens ocorre na internet e na rede (web). No entanto, esse 'hábito' de lidar com gêneros digitais não resolve, por si só, os problemas de leitura, compreensão e produção textual nas escolas de ensino fundamental e médio brasileiras, pois não há evidências concretas de que isso tenha um impacto comprovado. Além disso, apesar de os gêneros digitais introduzirem novos formatos e letramentos, não se pode esperar que eles resolvam, isoladamente, os desafios do letramento da língua materna.

De acordo com Marcuschi (2005), a proliferação de gêneros digitais na mídia eletrônica é um indicativo claro de que as sociedades letradas estão passando por uma "fase de adaptação a novos hábitos sociais e linguísticos", caracterizada por neologismos e abreviações em uma variedade de gêneros digitais, como e-mails, bate-papos virtuais (chats), aulas e vídeo aulas online, weblogs, fotologs, Skype, listas de discussão, Facebook, WhatsApp, Instagram, Snapchat, Kiwi, Títere, entre outros. Esse fenômeno configura uma verdadeira "revolução linguística", cuja continuidade é incerta, mas que certamente está em expansão. À medida que as gerações futuras avançam tecnologicamente e criam novas expressões e variações linguísticas no ambiente digital, também ocorre um desenvolvimento no espaço linguístico.

Um dos principais benefícios do uso da internet é sua capacidade de proporcionar uma interatividade sem limites, permitindo que, com o avanço das TIC, o homem contemporâneo alcance novas formas de comunicação e interação em segundos. Assim, a mídia virtual estabeleceu múltiplos espaços na sociedade e contribui, ainda que de forma relativa, para a evolução do idioma, especialmente no que diz respeito ao léxico.

No entanto, há desvantagens e problemas associados ao aspecto sintático da linguagem digital, que não foram abordados em nossa análise até o momento e poderão ser explorados futuramente. Apenas mencionamos alguns exemplos das expressões utilizadas por nossos alunos, como a ausência de conectivos na construção dos períodos, o que resulta em falta de coesão textual. O texto exige noções de tempo, espaço e coesão, mantidas pela presença de conectivos nas orações e interações discursivas, tanto orais quanto escritas. Quando essas coesões estão ausentes, surgem confusões nas ideias, gerando críticas a esse tipo de linguagem contemporânea. Em relação à expansão dos gêneros digitais, estes

continuam a emergir diariamente por meio da interação entre escritores e leitores nos mundos real e virtual, conectados pela rede. Eles funcionam como ferramentas eficazes de comunicação e contribuem significativamente para a disseminação da informação e dos processos comunicativos atuais. (Marcuschi, 2005, p. 14)

Atualmente, as novas tecnologias, especialmente as mídias digitais, estão se expandindo de forma sem precedentes. Isso levanta a questão de se a escola deve, no futuro, adaptar seu ensino para incluir a produção de e-mails e outros gêneros digitais, ou se deve continuar a focar nas formas tradicionais de comunicação, como cartas e telegramas. Marcuschi (2008, p. 198) questiona se o paradigma de interação face a face, desenvolvido por Sacks, Schegloff e Shiffrin nos anos 1970, precisa ser revisado, considerando a influência crescente dos bate-papos (chats). Ao considerar o gênero textual como uma forma que reflete o contexto social e histórico, com suas características culturais e estilísticas, fica claro que as novas tecnologias, que impactam fortemente o ensino, também devem influenciar a natureza dos gêneros produzidos.

Quando a interação interpessoal se transforma em uma relação hiperpessoal, como em um bate-papo online, o impacto é profundo. Marcuschi (2008, p. 198) argumenta que não é apenas a estrutura que se modifica, mas o próprio conceito de gênero textual. Em outras palavras, o gênero muda. A internet, com sua capacidade de expandir as possibilidades de interação, gera uma variedade de gêneros discursivos. Araújo e Biasi-Rodrigues (2005) explicam que a internet conecta milhares de redes eletrônicas, criando uma comunicação global instantânea. Araújo (2005) destaca que esses gêneros são diversos e que a velocidade e a sincronia dessas interações exigem uma linguagem adaptada, muitas vezes usando *emoticons* para satisfazer as necessidades dos interlocutores.

O ciberespaço configura uma nova era de informação, caracterizada por uma variedade de janelas digitais, o 'diálogo digital' e a hipertextualidade, onde o indivíduo Bakhtiniano interage e constrói redes de aprendizado e cooperação. Marcuschi e Xavier (2004) observam que os gêneros emergentes na mídia eletrônica são aqueles suportados pelo computador, trazendo uma quantidade significativa de novos gêneros que surgem diariamente. Essa realidade oferece uma oportunidade para investigar como as novas tecnologias afetam a linguagem e o papel da linguagem nas tecnologias. Além disso, essa evolução impacta a forma

como a escrita virtual é abordada nas instituições educacionais, inclusive nas escolas públicas.

Assim, nas páginas seguintes, utilizaremos dados de duas pesquisas públicas brasileiras para embasar nossa análise. A primeira, realizada e publicada em 2024 pelo Sindicato das Mantenedoras do Ensino Superior (SEMESP)³, tem como foco o "Perfil e Desafios dos Professores da Educação Básica no Brasil". A segunda pesquisa, publicada em 2023 no Portal de Periódicos da UFRGS, é um artigo científico intitulado "Www. Educação e Inteligência Artificial (IA).com: um estudo sobre a aplicação de IA em perspectiva docente"⁴, que aborda o uso de ferramentas educacionais baseadas em Inteligência Artificial, especificamente o ChatGPT, por professores da rede pública. A pesquisa se concentrou em docentes de diferentes campi do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), com o objetivo de entender melhor o uso da internet no contexto escolar e os efeitos das tecnologias no processo educativo. Também examinamos como as mudanças nas práticas de leitura e escrita, a contribuição dos gêneros digitais para a experiência dos alunos e a influência da linguagem digital impactam o ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. Vale destacar que, por se tratar de um tema recente, ainda há uma quantidade limitada de pesquisas sobre o assunto. Contudo, nosso objetivo é contribuir para a ampliação do debate e a aplicação da Inteligência Artificial no Ensino de Língua Portuguesa e em outras disciplinas.

³ <https://www.semesp.org.br/pesquisas/pesquisa-perfil-e-desafios-dos-professores-da-educacao-basica-no-brasil/>

⁴ <https://www.semesp.org.br/pesquisas/pesquisa-perfil-e-desafios-dos-professores-da-educacao-basica-no-brasil/>

3.2. - Análise sobre o acesso e utilização das Tecnologias e Inteligência Artificial em Sala de Aula

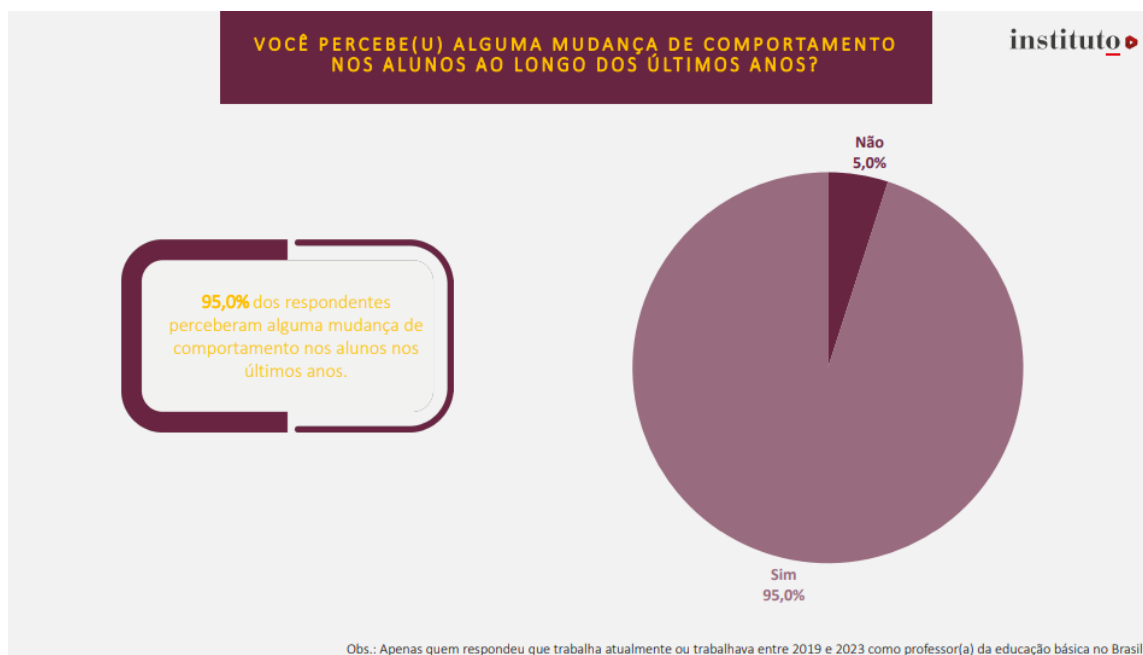
O capítulo especial do 14º Mapa do Ensino Superior no Brasil, produzido pelo Instituto Semesp e desta vez focado nos cursos de Licenciatura, inclui também a pesquisa inédita Perfil e Desafios dos Professores da Educação Básica no Brasil. Realizada entre 18 e 31 de março de 2024, a pesquisa envolveu 444 docentes das redes pública (municipal, estadual e federal) e privada, abrangendo o ensino infantil ao médio em todas as regiões do país.

FIGURA 04



Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2024/04/resultados-pesqdocenteseb.pdf>. Acesso em 12 dez. 2024.

FIGURA 05



Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2024/04/resultados-pesqdocenteseb.pdf>. Acesso em 12 dez. 2024.

FIGURA 06



Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2024/04/resultados-pesqdocenteseb.pdf>. Acesso em 12 dez. 2024.

Analisando as respostas obtidas na referida pesquisa percebemos que nos últimos anos, os alunos também enfrentaram várias mudanças negativas, principalmente devido especialmente à pandemia de COVID-19, às desigualdades educacionais, e ao impacto crescente da tecnologia no processo de aprendizagem.

O isolamento social, o medo de contágio e a adaptação ao ensino remoto geraram um aumento significativo de problemas psicológicos entre os alunos, como ansiedade, depressão e estresse. A falta de interação social e o distanciamento físico com colegas e professores afetaram negativamente o bem-estar emocional de muitos estudantes.

O ensino remoto e as atividades digitais reduziram a convivência social, essencial para o desenvolvimento emocional e social dos alunos. Muitos perderam a oportunidade de aprender habilidades interpessoais e estabelecer vínculos importantes, comuns em interações presenciais.

O acesso desigual à tecnologia e à internet foi uma das principais dificuldades enfrentadas por alunos, especialmente nas redes pública e em áreas periféricas. A falta de dispositivos adequados e conexão de internet de qualidade comprometeram a aprendizagem de muitos estudantes, resultando em um grande abismo educacional.

Muitos alunos, especialmente das camadas sociais mais vulneráveis, não receberam o suporte necessário (como tutoria, acesso a material didático adequado ou orientação) durante o período de ensino remoto, agravando ainda mais as desigualdades educacionais.

A adaptação ao ensino remoto resultou em lacunas no aprendizado, com muitos alunos não conseguindo acompanhar o conteúdo de forma eficaz. O ensino a distância nem sempre conseguiu substituir a qualidade do ensino presencial, levando a dificuldades de aprendizado e compreensão de conteúdos complexos.

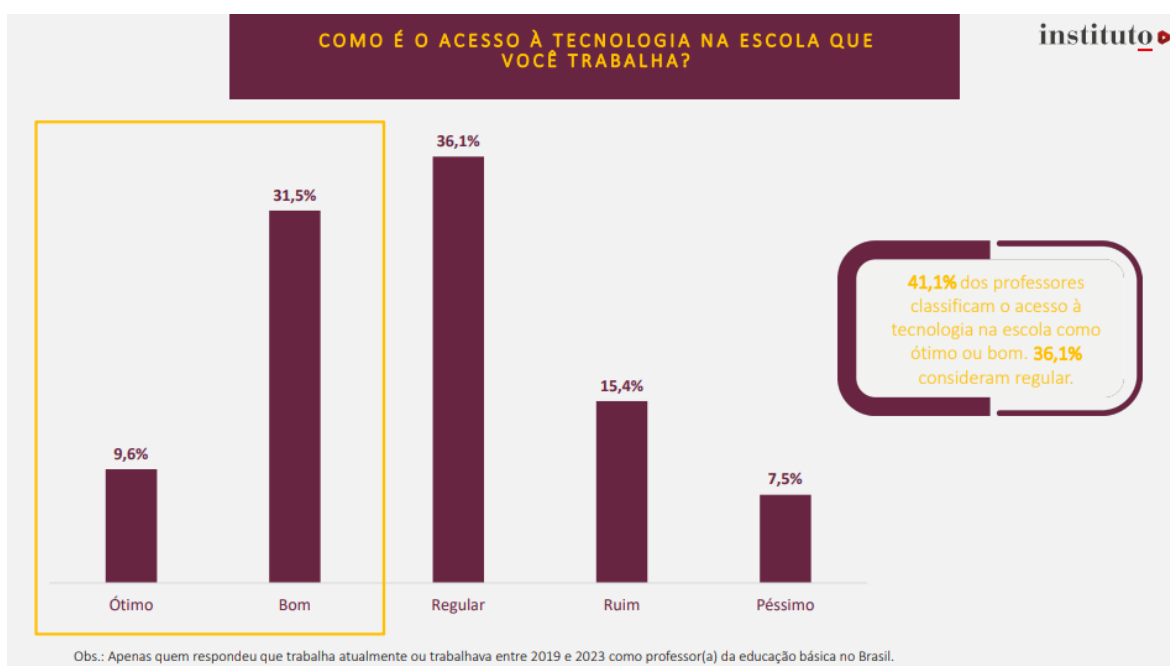
O excesso de aulas online, atividades virtuais e a necessidade constante de interagir com dispositivos digitais geraram um cansaço mental e físico significativo. A falta de motivação e o desgaste causado pela tela contribuíram para a queda no interesse pelo aprendizado em muitos estudantes.

Os alunos não foram os únicos afetados pela transição para o ensino remoto. Os professores também enfrentaram desafios significativos ao se adaptarem rapidamente às tecnologias digitais, o que resultou em sobrecarga de trabalho,

estresse e até esgotamento profissional. Isso impactou diretamente a qualidade do ensino oferecido aos alunos.

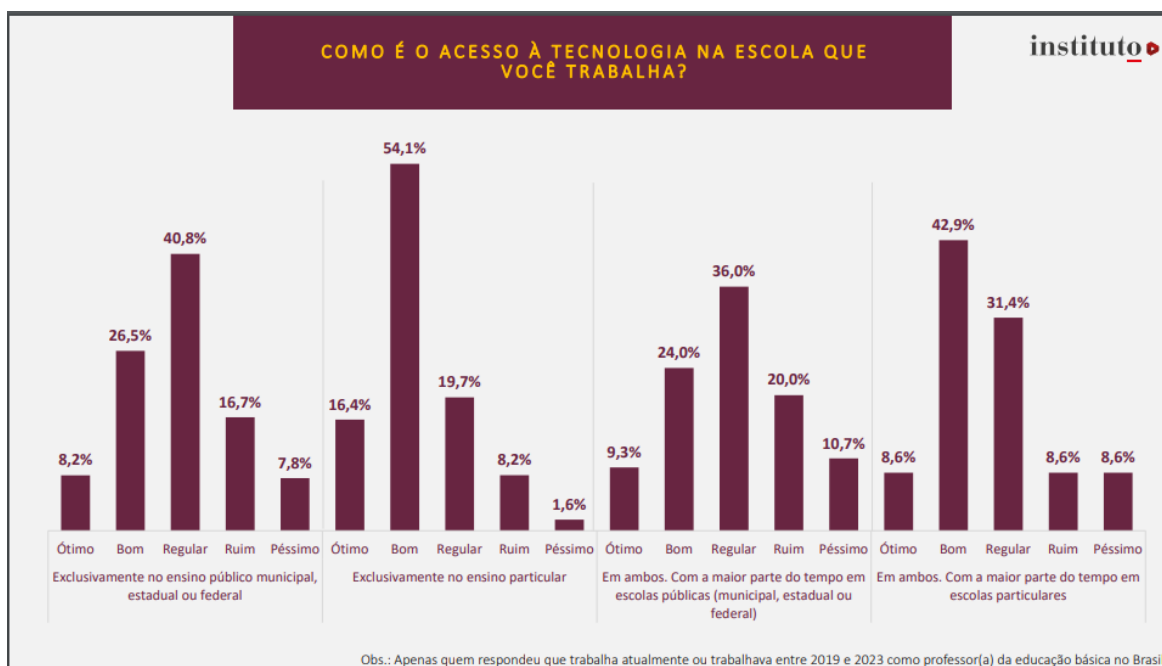
Embora a evolução tecnológica tenha trazido benefícios significativos para a educação, os alunos também enfrentaram diversas mudanças negativas nos últimos anos, como o impacto psicológico da pandemia, a desigualdade no acesso à educação, a desmotivação e a perda de habilidades acadêmicas e sociais. Essas dificuldades exigem atenção e ações estratégicas para garantir que todos os alunos tenham as condições necessárias para aprender e se desenvolver plenamente em um mundo cada vez mais digital.

FIGURA 07



Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2024/04/resultados-pesqdocenteseb.pdf>. Acesso em 12 dez. 2024.

FIGURA 08



Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2024/04/resultados-pesqdocenteseb.pdf>. Acesso em 12 dez. 2024.

O acesso à tecnologia nas escolas brasileiras é um tema complexo e apresenta grandes desigualdades, tanto entre as redes públicas e privadas quanto entre diferentes regiões do país. Embora o Brasil tenha avançado em termos de integração digital no ambiente escolar, ainda existem muitos desafios para garantir o acesso igualitário a tecnologias, especialmente nas escolas públicas.

O acesso à tecnologia nas escolas brasileiras varia significativamente de acordo com a região. As escolas das grandes cidades e de regiões mais desenvolvidas, como o Sudeste e o Sul, geralmente têm mais infraestrutura tecnológica do que as localizadas no Norte e Nordeste, onde muitas vezes faltam recursos e infraestrutura básica.

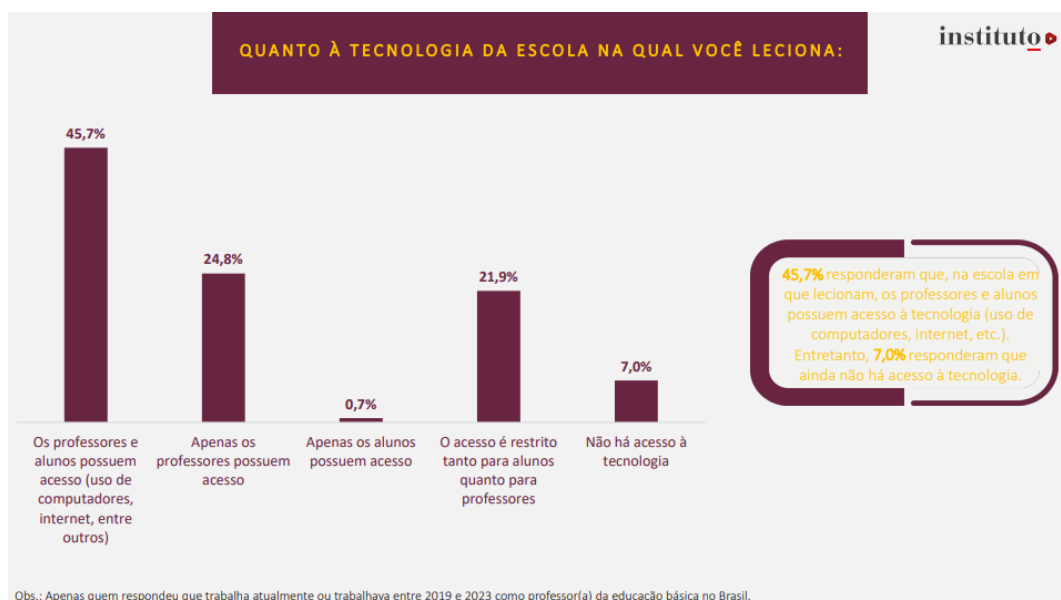
A disparidade entre escolas públicas e privadas também é evidente. Enquanto as escolas particulares frequentemente têm melhor acesso a computadores, tablets, redes de internet de alta qualidade e outros recursos tecnológicos, muitas escolas públicas enfrentam dificuldades relacionadas à falta de equipamentos, conexão instável com a internet e até mesmo de eletricidade.

Embora o Brasil tenha avançado em termos de conectividade, muitas escolas, principalmente as públicas e em áreas rurais, ainda enfrentam dificuldades

com o acesso à internet. Mesmo nas regiões urbanas, a qualidade da conexão de internet pode ser precária, dificultando o uso pleno de plataformas digitais para o ensino e aprendizagem.

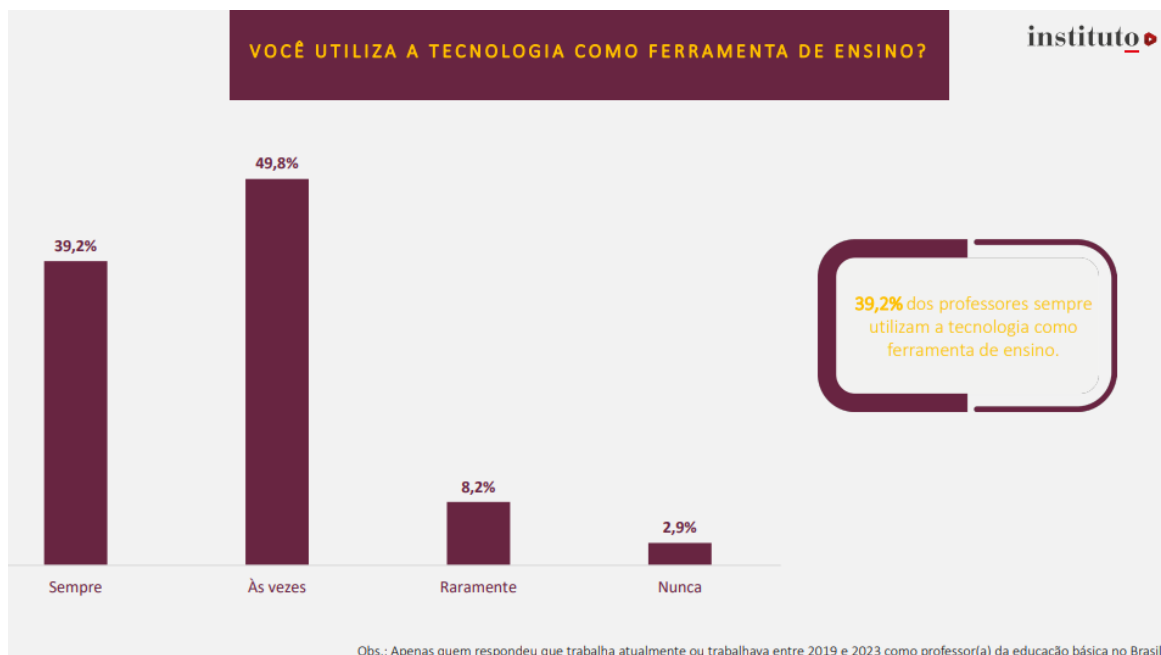
Em muitas escolas públicas, os computadores e dispositivos móveis são escassos, desatualizados ou inadequados para as necessidades do ambiente escolar. Mesmo quando há acesso a equipamentos, o número de dispositivos muitas vezes não é suficiente para atender a todos os alunos, gerando dificuldades no processo de aprendizagem digital. A falta de infraestrutura adequada, o acesso limitado à internet e à tecnologia, e a disparidade no apoio aos professores e alunos continuam a ser desafios significativos. Superar essas barreiras é fundamental para garantir que todos os alunos, independentemente de sua localização ou condição socioeconômica, possam se beneficiar das oportunidades que as tecnologias oferecem no processo de ensino-aprendizagem.

FIGURA 09



Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2024/04/resultados-pesqdocenteseb.pdf>. Acesso em 12 dez. 2024.

FIGURA 10



Disponível em: <https://www.semesp.org.br/wp-content/uploads/2024/04/resultados-pesqdocenteseb.pdf>. Acesso em 12 dez. 2024.

Muitas escolas públicas ainda enfrentam dificuldades no acesso a plataformas educacionais pagas ou mesmo a softwares educacionais básicos. Embora algumas plataformas gratuitas e de código aberto estejam disponíveis, elas não têm o mesmo nível de recursos e suporte que as opções pagas, o que pode afetar a qualidade do aprendizado dos alunos.

Outro desafio é a capacitação dos professores para o uso eficaz da tecnologia. Embora muitos educadores tenham se adaptado ao ensino remoto, a falta de formação contínua sobre o uso de tecnologias digitais para fins pedagógicos ainda é um obstáculo significativo. A implementação de tecnologias nas escolas brasileiras depende não apenas da infraestrutura, mas também da capacitação dos docentes para integrá-las de maneira eficaz no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, a falta de recursos para aquisição de livros digitais, aplicativos educacionais e outros materiais de ensino limita o potencial das tecnologias na educação. A utilização de recursos digitais ainda é vista de maneira desigual, com algumas escolas tendo acesso a conteúdos mais atualizados e diversificados, enquanto outras enfrentam grandes limitações.

desafios. Ferramentas baseadas em IA, como plataformas de aprendizado adaptativo, podem ajustar o conteúdo e os exercícios de acordo com o progresso individual do aluno, permitindo que ele aprenda no seu próprio ritmo.

A IA pode identificar as dificuldades de cada aluno e sugerir recursos personalizados para superá-las, proporcionando um aprendizado mais focado e eficaz. A tecnologia oferece acesso a uma ampla gama de materiais, como vídeos, tutoriais, artigos e ferramentas interativas, que podem enriquecer o processo de aprendizagem.

Plataformas colaborativas permitem que os alunos trabalhem juntos em projetos, independentemente de sua localização, promovendo habilidades de comunicação e colaboração em um ambiente digital. Porém ao mesmo tempo que existem as vantagens, o acesso desigual à tecnologia, especialmente entre escolas públicas e privadas ou em diferentes regiões do país, pode ampliar as desigualdades educacionais, deixando alunos em contextos mais vulneráveis em desvantagem.

Muitas escolas, principalmente nas regiões periféricas, ainda enfrentam dificuldades em termos de equipamentos e conexão de internet, dificultando a implementação eficaz dessas tecnologias e o uso excessivo de tecnologia pode levar à diminuição da interação social e ao isolamento, prejudicando o desenvolvimento de habilidades interpessoais essenciais, como empatia e comunicação face a face.

O uso de ferramentas digitais pode criar uma dependência dos dispositivos, tornando os alunos excessivamente dependentes da tecnologia e dificultando a realização de tarefas sem ela. A dependência de IA para correção de tarefas e geração de respostas pode reduzir a capacidade dos alunos de pensar criticamente e resolver problemas de forma independente, limitando a criatividade e a reflexão.

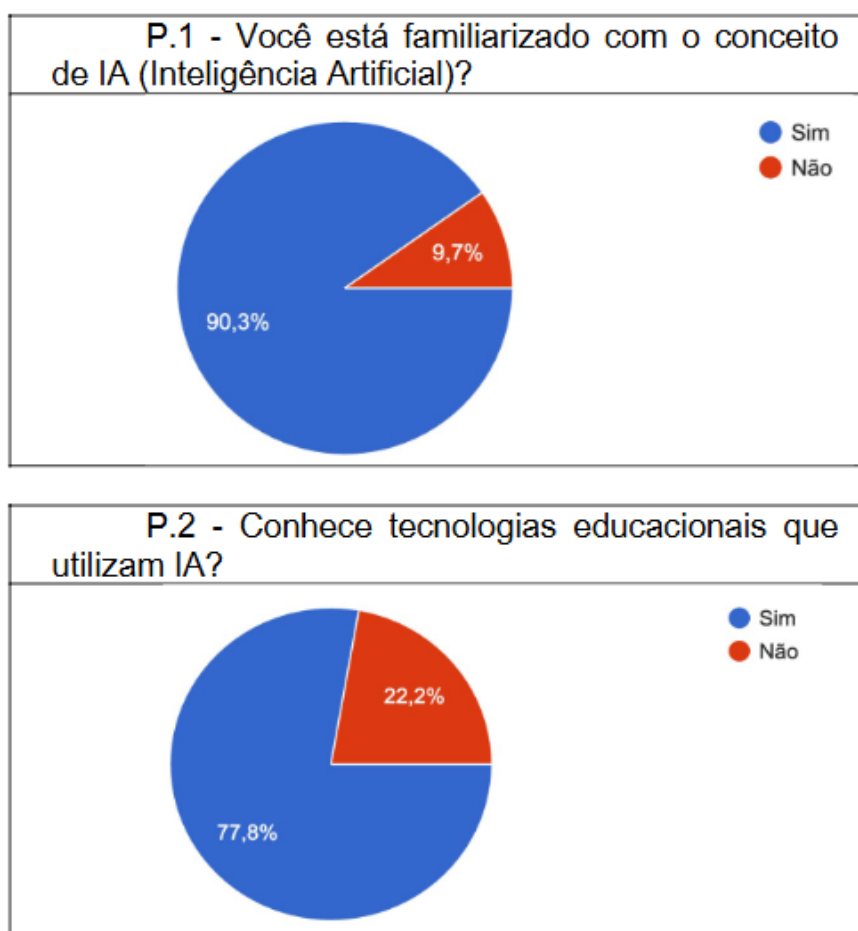
A IA pode fornecer respostas rápidas e soluções automáticas, mas não é capaz de promover o pensamento profundo e a reflexão crítica da mesma forma que o ensino tradicional baseado em interação humana.

O uso de tecnologia e inteligência artificial na educação apresenta muitos benefícios, como a personalização do aprendizado e o acesso a recursos de qualidade, mas também impõe desafios consideráveis, como desigualdade de acesso e riscos para a interação social e o desenvolvimento crítico. Para que essas

ferramentas sejam efetivas e inclusivas, é fundamental que as políticas educacionais busquem minimizar as desigualdades e garantir que tanto professores quanto alunos recebam o suporte necessário para tirar o máximo proveito das tecnologias disponíveis.

3.3. – Análise sobre o uso de ChatGPT em sala de aula

FIGURA 13



Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/136448/91997>.

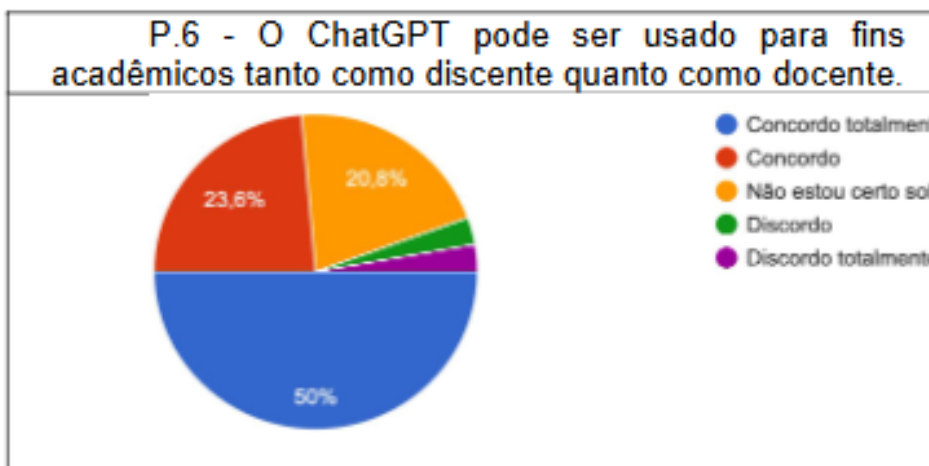
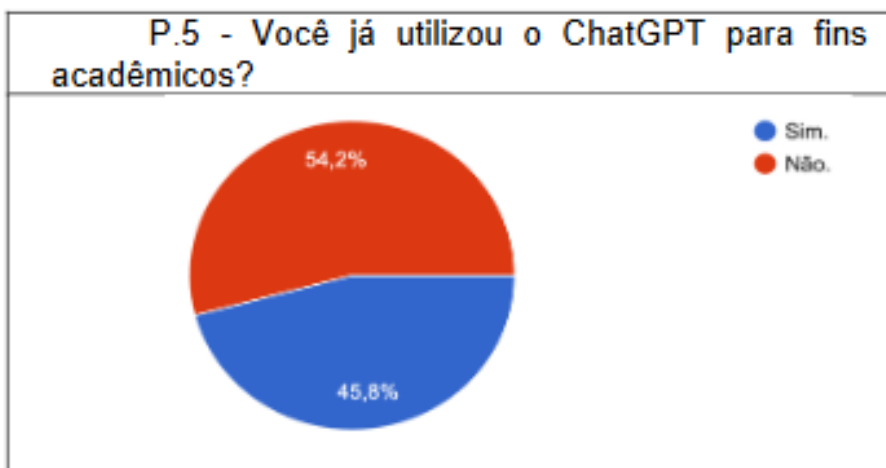
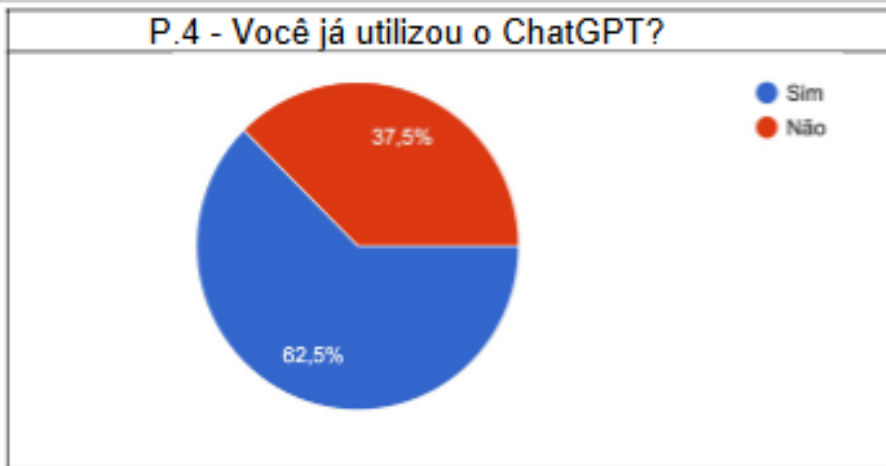
Acesso em 15 dez. 2024.

Observa-se uma diminuição na familiaridade entre as perguntas da figura 13: enquanto muitos professores demonstram conhecimento sobre o conceito geral de Inteligência Artificial (IA), uma porcentagem menor está ciente das tecnologias educacionais específicas que utilizam IA. Esse cenário sugere que, embora os professores compreendam o conceito de IA, eles talvez não estejam totalmente atualizados sobre suas aplicações práticas no contexto educacional.

Esse fato ressalta a importância da educação continuada. A discrepância entre o conhecimento teórico sobre IA e o entendimento das tecnologias educacionais que a utilizam indica que os professores podem se beneficiar de oportunidades de aprendizado e atualização sobre como a IA está sendo incorporada no ensino.

De maneira geral, os dados mostram que os docentes estão razoavelmente familiarizados com o conceito de IA, mas destacam também a necessidade de fornecer mais informações e capacitação, para que estejam totalmente cientes das ferramentas educacionais baseadas em IA. Investir em formação continuada será essencial para aproveitar o potencial da IA na melhoria do processo de ensino e aprendizagem.

FIGURA 14



Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/136448/91997>

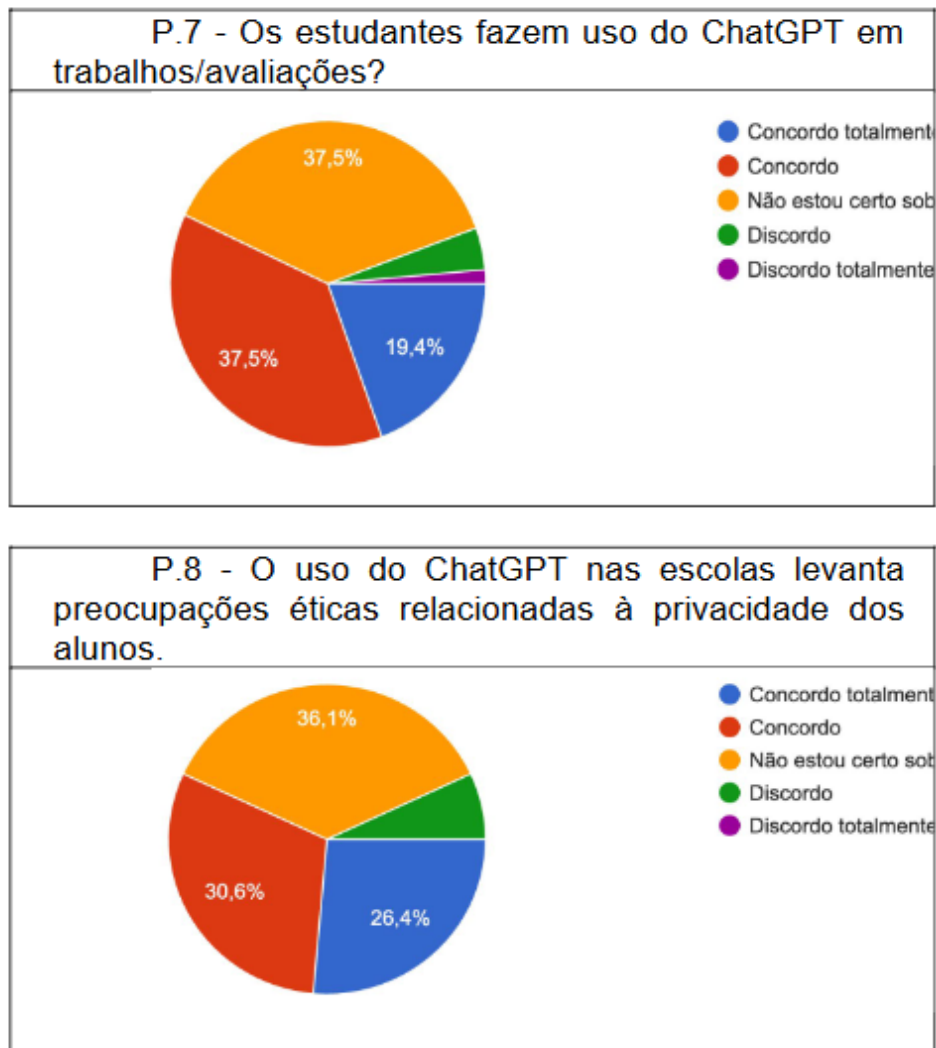
. Acesso em 15 dez. 2024.

Na figura 14, a Pergunta 4 investiga o nível de conhecimento dos professores sobre o ChatGPT. A maioria dos docentes declara conhecer a ferramenta, o que aponta para seu amplo reconhecimento entre os educadores. No entanto, quando se observa o uso prático da ferramenta, o número de professores que a utilizam diminui consideravelmente. Isso sugere que, embora o ChatGPT seja bem conhecido, muitos professores ainda não o aplicam em suas práticas acadêmicas. Além disso, menos da metade dos docentes afirma ter utilizado o ChatGPT para fins acadêmicos, evidenciando uma lacuna entre o conhecimento da ferramenta e sua aplicação real no contexto educacional.

Quanto à percepção sobre a utilidade do ChatGPT, abordada na Pergunta 6, a maioria dos professores acredita que a ferramenta pode ser útil tanto para os alunos quanto para os docentes. Isso reflete uma visão positiva sobre o ChatGPT, reconhecendo-o como uma ferramenta versátil e potencialmente benéfica em diversos aspectos do processo educativo.

Em resumo, esses dados revelam que, embora os professores conheçam o ChatGPT, a maioria ainda não o utiliza no contexto acadêmico. Essa realidade pode representar uma oportunidade para explorar o potencial educacional da ferramenta e oferecer treinamentos ou orientações para os docentes que desejam utilizá-la de forma eficaz em suas práticas de ensino. Além disso, a percepção positiva sobre sua utilidade na educação indica que há espaço para sua integração nas salas de aula, desde que essa implementação seja feita de maneira adequada e responsável.

FIGURA 15



Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/136448/91997>

Acesso em 15 dez. 2024.

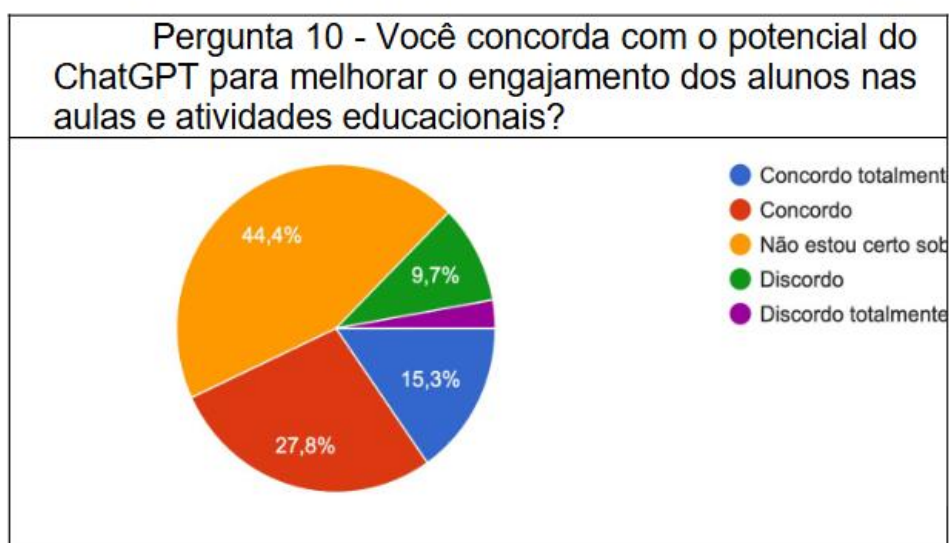
Já em relação a figura 15, os resultados obtidos apontam para os seguintes cenários: a maioria dos professores afirma não saber se os alunos utilizam ou não o ChatGPT, o que sugere uma falta de clareza sobre o comportamento dos estudantes em relação ao uso da ferramenta. No entanto, uma parte considerável dos docentes acredita que os alunos realmente utilizam o ChatGPT, indicando uma percepção generalizada de que a ferramenta é utilizada pelos estudantes, embora sem confirmação concreta.

Em relação à Pergunta 8, os dados mostram que uma parte significativa dos professores não tem certeza se o uso do ChatGPT levanta preocupações éticas, o que reflete uma possível lacuna de informações sobre as implicações éticas do uso da ferramenta.

Por outro lado, a maioria dos professores concorda que o uso do ChatGPT pode gerar questões éticas relacionadas à privacidade dos alunos, revelando uma percepção robusta de que a ferramenta pode ter implicações éticas significativas, especialmente no que se refere à proteção dos dados dos estudantes.

Em síntese, os dados indicam que os professores têm uma percepção geral de que os estudantes estão utilizando o ChatGPT, embora sem uma confirmação definitiva. Além disso, existe uma preocupação considerável sobre as questões éticas envolvidas, principalmente no que tange à privacidade dos alunos ao utilizarem a ferramenta. Esse panorama reforça a necessidade de promover a educação ética tanto para professores quanto para alunos, discutindo as implicações do uso da IA na educação e incentivando uma abordagem responsável no tratamento desses desafios.

FIGURA 16



Disponível em:

<https://seer.ufrgs.br/index.php/InfEducTeoriaPratica/article/view/136448/91997>
. Acesso em 15 dez. 2024.

A questão abordada na Figura 16 revela uma divisão de opiniões entre os professores sobre o uso do ChatGPT para aumentar o engajamento dos estudantes em sala de aula. Quase metade dos professores se mostra indecisa quanto à utilização da ferramenta para esse fim. Essa indecisão pode refletir a falta de clareza sobre como integrar o ChatGPT de maneira eficaz nas práticas pedagógicas, ou ainda preocupações quanto aos possíveis resultados de seu uso.

Por outro lado, 43,1% dos professores, que somam as respostas "Concordo" e "Concordo totalmente", indicam uma percepção positiva, enxergando o ChatGPT como uma ferramenta com potencial para melhorar o engajamento dos alunos. Isso sugere que uma parte significativa dos docentes acredita que a ferramenta pode desempenhar um papel relevante no processo de ensino.

Uma minoria de 12,5% expressa discordância, como demonstrado pelas respostas "Discordo" e "Discordo totalmente". Esse grupo parece ter preocupações ou ceticismo sobre a aplicabilidade do ChatGPT nesse contexto, o que aponta para um desafio em relação à aceitação e ao entendimento das capacidades da ferramenta.

Esses resultados mostram que a questão é complexa e não há consenso claro entre os educadores. Fatores como experiências anteriores, crenças pedagógicas e a compreensão das funcionalidades do ChatGPT podem influenciar as diferentes opiniões.

Dada essa diversidade, é essencial promover discussões mais aprofundadas sobre como integrar o ChatGPT de maneira eficaz para engajar os alunos. Isso pode envolver a identificação de estratégias específicas e o compartilhamento de boas práticas entre os professores.

Em resumo, os dados sugerem que o uso do ChatGPT para aumentar o engajamento dos estudantes é uma questão multifacetada, que requer uma análise cuidadosa das diversas perspectivas dos educadores. Assim, é fundamental continuar explorando formas de utilizar essa tecnologia de maneira responsável e eficaz nas salas de aula, levando em consideração as diferentes opiniões dos docentes.

3.4– O uso de gêneros textuais digitais em sala de aula – Algumas considerações e sugestões

A BNCC inclui, entre suas competências, o uso crítico e criativo das tecnologias digitais, com ênfase na compreensão, utilização e criação. A Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023, instituiu a Política Nacional de Educação Digital (PNED), aplicável a todas as escolas públicas e privadas do país. A PNED alterou o art. 4º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e tem como objetivo garantir a educação digital a crianças, jovens e adultos, promovendo competências como letramento digital, pensamento computacional, cultura digital e programação. A política está organizada em quatro eixos: Inclusão Digital, Educação Digital Escolar, Capacitação e Especialização Digital, e Pesquisa e Desenvolvimento (P&D) em Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). A implementação desses eixos ainda depende de regulamentação pelos sistemas estaduais e municipais de ensino, com metas e indicadores definidos pelo INEP.

A PNED alinha a educação brasileira à Declaração de Princípios de Genebra (ONU, 2003), reconhecendo a necessidade de reduzir a lacuna entre as competências digitais da população e as demandas da transformação digital, além disso ela representa um avanço significativo na integração das tecnologias digitais à educação brasileira. No entanto, sua efetiva implementação exigirá investimentos em formação docente, infraestrutura tecnológica e mudanças culturais que permitam o desenvolvimento pleno das competências digitais necessárias para o século XXI. Enquanto algumas escolas já adotam práticas da Educação 4.0, como inteligência artificial, robótica, programação, espaços maker, gamificação do ensino, outras ainda carecem de infraestrutura básica, como acesso à internet. A implementação efetiva da política exige investimentos robustos, capacitação de professores e gestores, e uma mudança cultural que reconheça a urgência de preparar os estudantes para as demandas do século XXI. A fluência digital é uma competência essencial no mundo contemporâneo, e a PNED representa um passo importante, porém insuficiente, para garantir que o sistema educacional brasileiro acompanhe as transformações disruptivas em curso.

Tendo isso em mente e após a realização de nossos estudos e análise das pesquisas mencionadas compreendemos que no cenário educacional atual, a

tecnologia tem um papel crescente e transformador no processo de ensino-aprendizagem.

A introdução da IA na Educação Básica pode ser feita de maneira gradual e integrada, levando em consideração tanto as necessidades educacionais quanto as capacidades dos alunos e professores. É importante que os alunos da Geração Alpha e das gerações vindouras, desde as primeiras séries, tenham contato com conceitos fundamentais da IA, como aprendizado de máquina, algoritmos e automação. Isso pode ser feito de forma simples, utilizando jogos educativos ou atividades interativas que exemplifiquem como a IA funciona.

Outra proposta seria oferecer uma disciplina introdutória sobre Inteligência Artificial como parte do currículo, abordando as implicações, as aplicações e os desafios éticos que envolvem o uso da IA seria essencial, podendo integrá-la em diversas disciplinas, como Matemática (algoritmos), Ciências (estudo de como a IA pode ajudar em experimentos ou simulações) e em especial Língua Portuguesa (análise de texto e *chatbots*).

Ferramentas como assistentes virtuais e sistemas de recomendação podem ser usadas para personalizar a aprendizagem dos alunos. Isso permite que os estudantes avancem de acordo com seu ritmo e estilo de aprendizado, enquanto os professores têm acesso a dados em tempo real sobre o progresso de cada aluno.

O uso de *chatbots*, como o ChatGPT, pode auxiliar os alunos em suas dúvidas sobre o conteúdo, promover o aprendizado colaborativo e até mesmo ajudar no desenvolvimento de habilidades de escrita e raciocínio crítico.

Jogos e simulações que utilizam IA podem tornar as aulas mais dinâmicas, envolventes e práticas. Esses recursos ajudam a aplicar conceitos de maneira contextualizada e divertida, além de estimular o pensamento crítico.

Obviamente que os professores devem ser capacitados para entender o potencial da IA, tanto para o uso de ferramentas quanto para ensinar conceitos de IA aos alunos. Programas de desenvolvimento profissional devem ser implementados para que os educadores aprendam como integrar a IA de maneira eficaz em suas práticas pedagógicas e o currículo das Licenciaturas também deveriam acrescentar uma disciplina específica sobre uso de Inteligência Artificial em sala de aula, ou pelo menos trabalhar na Didática.

Oferecer cursos e oficinas sobre IA, tanto em nível teórico quanto prático, ajudaria os professores a entender como a IA pode ser aplicada em suas aulas e como ela pode melhorar os resultados de aprendizagem.

Também é necessário que haja discussões sobre as implicações éticas do uso da IA no contexto educacional. Isso envolve a proteção de dados dos alunos, o impacto da IA sobre a privacidade e como garantir que a IA seja usada de maneira justa e inclusiva.

A IA deve ser apresentada não apenas como uma ferramenta, mas também como um fenômeno a ser compreendido criticamente. Alunos devem ser incentivados a questionar como e por que a IA é usada, como ela pode influenciar a sociedade e quais são seus limites.

Vivemos em um mundo cada vez mais dependente de tecnologias baseadas em IA. Ensinar os alunos da Geração Alpha a lidar com essas ferramentas desde a Educação Básica prepara-os para os desafios do futuro, seja no mercado de trabalho ou como cidadãos críticos e informados.

A IA pode estimular habilidades cognitivas importantes, como raciocínio lógico, resolução de problemas e pensamento criativo, já que muitas ferramentas de IA são projetadas para desafiar e engajar os estudantes de maneiras inovadoras.

Com o avanço digital, os gêneros discursivos digitais - como blogs, e-mails, redes sociais, fóruns e vídeos - tornaram-se ferramentas e meios de comunicação muito presentes na vida dos alunos. Integrá-los ao ambiente escolar oferece novas oportunidades para o desenvolvimento da expressão, argumentação e criatividade dos estudantes. Esta seção explora a importância de incorporar esses gêneros discursivos digitais em sala de aula e como essa prática pode favorecer o aprendizado.

Os gêneros discursivos digitais diferem dos tradicionais porque exploram formatos próprios das novas mídias, atendendo a diferentes propósitos e contextos. Por exemplo, os blogs podem ser usados para trabalhar a escrita criativa e a reflexão crítica, enquanto o uso de redes sociais permite práticas de argumentação e concisão. Ao produzir um conteúdo que será publicado online, os alunos precisam considerar aspectos de público, estilo e clareza, aprimorando sua capacidade de comunicação.

Ao introduzir os gêneros digitais em sala de aula, o professor, não só o de Língua Portuguesa, pode abordar habilidades variadas, como análise crítica e interpretação, de uma forma mais dinâmica e envolvente. Trabalhar com gêneros digitais também contribui para a formação de uma postura ética e responsável diante da internet, uma vez que os estudantes são incentivados a pensar sobre a validade das informações que compartilham e a maneira como se comunicam virtualmente. Podemos por exemplo incentivar os alunos a criarem blogs para compartilhar suas opiniões sobre temas específicos ou experiências pessoais, assim como trabalhar a prática de redação de e-mails formais para desenvolver habilidades de comunicação profissional e clara.

O professor também pode propor a criação de fóruns de discussão em plataformas virtuais para promover a prática de argumentação e respeito à diversidade de opiniões, além de organizar atividades de simulação de redes sociais em plataformas seguras para promover a reflexão sobre responsabilidade digital.

Com a crescente digitalização do ambiente escolar, professores estão explorando formas mais interativas e inclusivas de ensinar. Textos multimodais, que combinam diferentes formas de comunicação (como imagens, vídeos, sons e textos escritos), junto com tecnologias de inteligência artificial, como o ChatGPT, têm o potencial de transformar o aprendizado. Esses recursos oferecem novas formas de engajamento e personalização, tornando o processo de ensino mais dinâmico e centrado nas necessidades dos alunos.

Textos multimodais, ao combinar diferentes linguagens (visual, sonora, verbal), permitem que os alunos explorem e criem conteúdos mais ricos e diversificados. Em uma atividade de leitura, por exemplo, o professor pode complementar o texto com vídeos, gráficos ou áudios que contextualizam o tema, aumentando a compreensão e o engajamento. Ao criar textos multimodais, os alunos desenvolvem habilidades variadas, como a interpretação de imagens, o uso de símbolos e a organização de informações em diferentes formatos, o que amplia seu repertório comunicativo e cognitivo. Alunos podem usar vídeos, podcasts e infográficos para apresentar projetos, promovendo o desenvolvimento de habilidades de comunicação multimídia.

Já o ChatGPT é uma ferramenta interativa que oferece uma infinidade de usos didáticos. Ele pode ser usado como assistente de escrita, ajudando alunos a desenvolverem ideias, criarem rascunhos e revisarem seus textos. Professores também podem utilizá-lo para criar questionários, jogos de palavras, atividades de análise de texto, entre outros. Outra aplicação é o uso do ChatGPT para fomentar discussões e explorar diferentes perspectivas, permitindo que os alunos pratiquem argumentação e pensamento crítico em um ambiente controlado. Com o ChatGPT, alunos podem trabalhar em redações colaborativas, contando com sugestões de estrutura e vocabulário. Usando o ChatGPT, professores podem criar atividades em que os alunos praticam análise crítica e identificam fontes confiáveis em conteúdos multimodais.

Concluimos, portanto, que a incorporação de textos multimodais, inteligência artificial e do ChatGPT em sala de aula favorece um aprendizado mais inclusivo, interativo e personalizado. Esses recursos não apenas despertam o interesse dos alunos, mas também os preparam para uma realidade digital e conectada, onde a comunicação ocorre de forma diversificada e mediada por tecnologias inteligentes. Quando aplicados de maneira eficaz, esses recursos enriquecem a experiência educacional e promovem o desenvolvimento integral dos estudantes. Introduzir esses recursos nas escolas brasileiras é uma oportunidade para transformar a educação, tornando-a mais dinâmica, personalizada e acessível. Além de preparar os alunos para o futuro, a IA pode melhorar a qualidade do ensino e aprender a utilizar as ferramentas de forma ética e responsável. É necessário que haja uma abordagem cuidadosa, tanto no desenvolvimento de currículos quanto na capacitação de professores, para que o uso da IA seja bem-sucedido e benéfico para todos os alunos.

A utilização de gêneros discursivos digitais amplia as práticas pedagógicas e prepara os alunos para um cenário em que a comunicação digital se torna essencial. Essa abordagem ajuda a formar cidadãos críticos, capazes de navegar e se expressar de maneira adequada em diferentes contextos digitais. Desse modo, o uso de gêneros digitais no ensino da Língua Portuguesa e na educação vai além do domínio técnico, proporcionando uma aprendizagem mais significativa e alinhada aos desafios da sociedade atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Geração Alpha, imersa em um ecossistema digital desde o nascimento, demanda uma transformação radical no ensino da Língua Portuguesa. A simples transposição de métodos tradicionais para o ambiente virtual já não é suficiente. É necessário repensar a própria estrutura pedagógica, incorporando não apenas ferramentas digitais básicas, mas também as potencialidades da IA e de outras tecnologias emergentes. Essa integração não é um luxo ou uma tendência passageira, mas uma necessidade urgente para formar cidadãos capazes de dominar a língua em suas múltiplas dimensões — comunicativa, crítica e criativa — em um mundo cada vez mais mediado por algoritmos e interações digitais.

É necessário a compreensão de que essa geração, composta por crianças nascidas a partir de 2010, representa o primeiro grupo verdadeiramente imerso no universo digital desde o nascimento. Essa característica única impacta diretamente a forma como aprendem, interagem e se relacionam com o conhecimento. Ao mesmo tempo, impõe desafios significativos para os educadores, especialmente no ensino da Língua Portuguesa. Essa geração apresenta características como a familiaridade intuitiva com tecnologia: dominam interfaces *touchscreen* e linguagem de aplicativos antes da alfabetização tradicional; Preferência por estímulos multimodais: respondem melhor a conteúdos que integram texto, imagem, áudio e interatividade (vídeos curtos, jogos, *quizzes*); e também são multitarefa, alternam rapidamente entre atividades, mas com menor tolerância a processos lineares e prolongados, como leitura de textos longos.

No entanto, essas mesmas características também podem contribuir para a superficialidade no aprendizado e para dificuldades em manter a atenção prolongada em tarefas complexas, como leitura aprofundada e produção textual. Ensinar Língua Portuguesa para os nativos digitais da Geração Alpha requer uma transformação nas práticas pedagógicas tradicionais. É necessário incorporar tecnologias que dialoguem com seu cotidiano, como jogos educativos, plataformas digitais e conteúdos multimodais. Plataformas como *Kahoot!* (para gamificação), *Canva* (criação multimodal) e *Google Scholar* (pesquisa acadêmica adaptada) tornam o aprendizado mais dinâmico. Essas ferramentas podem potencializar o aprendizado ao torná-lo mais dinâmico e atrativo.

Um dos maiores benefícios da inteligência artificial na educação é sua capacidade de oferecer ensino adaptativo. Plataformas como *Duolingo* e *Khan Academy* já utilizam algoritmos para ajustar o nível de dificuldade conforme o desempenho do aluno. No ensino da Língua Portuguesa, essa personalização pode ser aplicada em correções de redações, utilizando ferramentas como *Grammarly* e *GPT-4* que identificam erros gramaticais, sugerem melhorias de coesão e até avaliam a estrutura argumentativa, permitindo um *feedback* imediato. Também podemos montar planos de estudos individualizados, apoiando alunos com dificuldades. *Chatbots* tutoriais, como *Replika*, podem simular conversas em Português, ajudando alunos tímidos ou com necessidades especiais a praticar a oralidade sem medo de julgamento.

É preciso que haja o Letramento Digital, aonde os alunos trabalharão competências e habilidades tais como: Saber usar dispositivos tecnológicos (computadores, smartphones, tablets) e ferramentas digitais (como navegadores de internet, aplicativos, plataformas de comunicação, etc.); Ser capaz de buscar informações online, identificar fontes confiáveis, avaliar a veracidade dos conteúdos e distinguir entre informações fidedignas e *fake news*. Isso também envolve habilidades de alfabetização midiática; Saber criar conteúdo digital, seja por meio de textos, imagens, vídeos ou apresentações, utilizando ferramentas como editores de texto, aplicativos de design, plataformas de blog, *YouTube*, entre outros; Ser capaz de comunicar-se de maneira eficaz e ética em plataformas digitais, utilizando ferramentas como e-mail, redes sociais, fóruns e outras formas de interação online, além é claro de ter conhecimento sobre segurança online, como proteção de dados pessoais, cuidados com senhas, segurança em redes sociais e prevenção contra golpes e fraudes digitais, compreendendo como a tecnologia pode ser usada para diferentes fins, incluindo a crítica das implicações sociais e éticas do uso da internet, como o respeito à privacidade, a utilização responsável das redes sociais, o combate ao *cyberbullying* e a desinformação.

Produzir o letramento digital significa desenvolver atividades que envolvam essas competências e habilidades digitais, tanto no ambiente educacional quanto na vida cotidiana. Contudo, a dependência excessiva da tecnologia também pode levar a lacunas no domínio das normas padrão da língua, na interpretação de textos e na produção escrita. Assim, o grande desafio está em equilibrar inovação

tecnológica com a preservação e valorização dos fundamentos linguísticos. Além disso, o papel do professor é essencial como mediador no processo de ensino-aprendizagem. Ele precisa atuar como um facilitador, guiando os estudantes no uso crítico e ético das tecnologias e promovendo um letramento digital que vá além do simples uso de ferramentas.

Cabe ao educador selecionar e adaptar ferramentas, pois nem toda tecnologia é adequada para fins pedagógicos. O docente deve filtrar aplicativos e plataformas, garantindo que estejam alinhados aos objetivos de aprendizagem. Além disso é necessário ensinar os alunos a citar fontes geradas por IA, a reconhecer limitações dessas ferramentas (como a produção de "ilusões de conhecimento") e a combinar criatividade humana com eficiência algorítmica. A IA pode corrigir erros, mas não substitui o debate filosófico sobre uma obra literária, a emoção da leitura dramática de um poema ou a troca de ideias em um círculo de discussão.

É imprescindível que os alunos desenvolvam habilidades de leitura crítica, interpretação de diferentes gêneros textuais e competência comunicativa em variados contextos, preparando-os para interagir de forma eficiente na sociedade contemporânea. Para isso, é necessário investir em formações continuadas que capacitem os docentes a lidar com as demandas de uma geração tão conectada e adaptável.

Outro ponto relevante é o impacto dos estímulos digitais no desenvolvimento cognitivo e linguístico da Geração Alpha. Estudos apontam que a exposição prolongada a telas e a interações fragmentadas pode prejudicar a concentração e a memória, comprometendo habilidades fundamentais para o aprendizado da Língua Portuguesa, como a escrita reflexiva e o raciocínio lógico.

Nesse cenário, práticas pedagógicas que valorizem a interação, o diálogo e a construção coletiva do conhecimento ganham destaque. Estratégias como metodologias ativas, projetos interdisciplinares e uso de textos multimodais podem ser efetivas para engajar esses alunos e promover um aprendizado significativo.

Portanto, o ensino de Língua Portuguesa para a Geração Alpha exige uma abordagem híbrida que combine métodos tradicionais com inovações tecnológicas. A língua Portuguesa do século XXI não se limita ao papel e à caneta. Ela se manifesta em *tweets*, legendas de vídeos no *TikTok*, *podcasts* e até em diálogos

com assistentes virtuais. Preparar a Geração Alpha para esse cenário exige currículos flexíveis, que incorporem disciplinas como "Produção de Conteúdo Digital" e "Ética na IA" desde o Ensino Fundamental; além de avaliações inovadoras, mais focadas em projetos (como criar um *blog* ou um *podcast*) do que em provas padronizadas.

É fundamental considerar os interesses e o perfil dessa geração, aproveitando sua conexão com o digital para desenvolver competências linguísticas e comunicativas. Ao mesmo tempo, é necessário fomentar a criticidade e o pensamento reflexivo, capacitando-os não apenas para usar a língua de maneira eficiente, mas também para compreender e transformar a sociedade. O sucesso desse processo depende de um diálogo constante entre educadores, gestores, famílias e a própria geração, garantindo que o aprendizado se mantenha relevante em um mundo em constante transformação.

Integrar IA e tecnologias digitais ao ensino de Língua Portuguesa não é sobre substituir o humano, mas sobre ampliar suas capacidades. A Geração Alpha precisará dominar a língua tanto para escrever um romance quanto para programar um *chatbot*, tanto para decifrar um soneto de Camões quanto para desvendar os mecanismos de desinformação em *deepfakes* ou em *fake news*.

O maior desafio — e oportunidade — para educadores é garantir que essas ferramentas sirvam para empoderar e não para alienar; para aprofundar o pensamento crítico, e não para substituí-lo por respostas prontas. Se conseguirmos esse equilíbrio, estaremos formando não apenas usuários passivos da tecnologia, mas arquitetos de um futuro onde a Língua Portuguesa continue viva, relevante e transformadora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Antunes, Irlandé. *Lutar com as palavras: coesão e coerência*. São Paulo: Parábola, 2007.
- Araújo, Maria Helena Santos. Pinto Maria Teonila de Faria Alvim. Travaglia, Luís Carlos. *Metodologia e prática de ensino da língua Portuguesa*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- Aulete, C. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa* 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980. 5 v.
- Azevedo, Douglas. *Online full time: a sociabilidade das gerações y & z no cotidiano tecnológico*, 2016. Universidade Federal Fluminense, Dissertação de Mestrado.
- Bagno, Marcos. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. 15 ed. Loyola: São Paulo, 2002.
- Bagno, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação lingüística*. São Paulo: Parábola editorial, 2009.
- Bagno, Marcos. *A língua de Eulália: Novela sociolinguística*. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- Bauman, Z. *Modernidade líquida*. Tradução: Plínio Dantzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013
- Bazerman, Charles; Hoffnagel, C. Judith. Dionísio, Ângela Paiva (org.). *Gênero, Agência e Escrita*. São Paulo: Cortez, 1997, 2006
- Brasil. Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023. Institui a Política Nacional de Educação Digital. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jan. 2023.
- Brasil. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf . Acesso em: 04/01/2025
- Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais (Ensino Fundamental). Brasília: MEC, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 14 mai. 2024.
- Bortolin, Sueli; e Vignoli, Richele Grengé. “A biblioteca escolar e as mediações com a geração polegar”. *Biblioteca Escolar Em Revista*, vol. 2, no. 2, 2014, pp. 45-59, doi: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-5894.berev.2014.106598>. Acessado 20 jun. 2024.
- Bortoni-Ricardo, Stella Maris. *Nós chegemo na escola, e agora?: Sociolinguística*

& Educação. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

Briscoe, et al. *Careers around the world: individual and contextual perspectives*. Routledge, 2012.

Caiado, K. R. M.; Laplane, A. L. F. *Programa Educação Inclusiva: direito à diversidade. Uma análise a partir da visão de gestores de um município-polo*. In: Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 35, n. 2

Carneiro, et al. *Conflitos entre gerações: valores diferentes geram conflitos nas empresas*, 2018, <http://www.unaerp.br/documentos/1493-426-1494-1-sm/file>. Acessado 07 jun. 2024.

Carvalho, Felipe; Pimentel, Mariano. *ChatGPT: potencialidades e riscos para a Educação*. SBC Horizontes ISSN 2175-9235, 2023a. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2023/05/chatgptpotencialidades-e-riscos-para-a-educacao>. Acesso em: 12 dez. 2023.

Carvalho, Felipe; Pimentel, Mariano. *ChatGPT: Concepções epistêmico-didático-pedagógicas dos usos na educação*. SBC Horizontes. ISSN 2175-9235, 2023b. Disponível em: <http://horizontes.sbc.org.br/index.php/2023/06/chatgpt-concepcoes>. Acesso em: 15 jan. 2024.

Carvalho, S. M. S. de.; Cardoso, A. L. M. de S. .; Miguel, M. C. . *A geração “Alpha” no (re)inventar da nova biblioteca escolar: um chamado à ‘missão’ da biblioteca, um chamado ao real ofícios dos bibliotecários*. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 24, 2021. DOI: 10.5216/ci.v24.64527. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/64527>. Acesso em: 02 jan. 2024.

Carvalho. Maria Leônia Garcia. *Níveis de interferência da oralidade na escrita em redações do vestibular*. São Cristóvão - SE: PPGL/UFS, 1997.

Cavalcante, Katia Viana, et al. *“As metamorfoses da biblioteca para Geração Z: proposta de implementação para espaço cultural Berezza de Menezes”*. RACIn, vol. 4, no. 2, 2016, pp.43-56.

Centro de Inovação para a Educação Brasileira. CIEB: Notas Técnicas #21 Inteligência artificial na educação básica: novas aplicações e tendências para o futuro. São Paulo: CIEB, 2024. E-book em PDF.

Cerbasi, Gustavo; e Barbosa, Christian. *Mais tempo, mais dinheiro*. Thomas Nelson Brasil, 2009.

Coelho, Patricia Margarida Farias. *“Os nativos digitais e as novas competências tecnológicas”*. Texto Livre: Linguagem e Tecnologia, vol. 5, no. 2, 2012, pp. 88-95, doi: <https://doi.org/10.17851/1983-3652.5.2.88-95>. Acessado 28 abr. 2024.

Conger, Jay. “*Quem é a geração X?*” HSM Management, vol. 11, no 1, 1998, pp .128-138.

Cortella, Mario Sergio, e Bial, Pedro. *Gerações em ebulição: o Passado do Futuro e o Futuro do Passado*, Papirus, 2018.

Costa Val, Maria da Graça. *Produção escrita: trabalhando com os gêneros*. Ceale/FAE/UFMG et al. Belo Horizonte - MG. 2007.

Cunha, Bruna de Lima. *A comunicação empresarial na era digital: um estudo sobre netflix, nubank e spotfy*, 2018. Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis, Trabalho de Conclusão de Curso.
<https://cepein.femanet.com.br/BDigital/arqTccs/1511340475.pdf>. Acessado 17 jun. 2024.

Documentos da Cúpula Mundial sobre a Sociedade da Informação [livro eletrônico] : Genebra 2003 e Túnis 2005 /International Telecommunication Union ; [traduzido por Marcelo Amorim Guimarães]. -- São Paulo : Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2014. PDF.
https://www.cgi.br/media/docs/publicacoes/1/CadernosCGIbr_DocumentosCMSI.pdf Acessado 13 dez. 2024

Ertel, W. *Introduction to Artificial Intelligence*. 2. ed. Ravensburg: Springer, 2017.

Faraco, Carlos Alberto. *Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós*. In: Bagno, Marcos (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Loyola, 2002

Faraco, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Fava, Rui. *Educação 3.0: Aplicando o Pdca nas Instituições de Ensino*. Saraiva, 2014.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Versão 5. 11ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

Freire, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

Gabriel, Martha. *Inteligência Artificial: Do Zero ao Metaverso*. Barueri, SP: Atlas, 2022.

Gabriel, Martha. *Educação na Era Digital: Conceitos, estratégias e habilidades*. Barueri, SP: Atlas, 2023.

Geração “Alpha”: entenda as crianças nascidas desde 2010. Dentro da História, 2019, <https://www.dentrodahistoria.com.br/blog/familia/desenvolvimento-infantil/geracao-”Alpha”- caracteristicas/>. Acessado 04 maio 2024.

Geração “Alpha”: o que vem mudando em casa e nas salas de aula? Tecnologia Educacional, 2019, <https://tecnologia.educacional.com.br/blog-inovacao-e-tendencias/geracao-Alpha/>. Acessado 04 maio 2024.

Geraldi, João Wanderley. *Portos de Passagem*, São Paulo, SP, Martins Fontes, 1991

Guedes, Paulo Coimbra. *A formação do professor de português: que língua vamos ensinar?* São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Indalécio, Anderson Bençal. *Entre imigrantes e nativos digitais: a percepção docente sobre as novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) e o ensino da educação física*, 2015.

Universidade Federal de São Carlos, Dissertação de Mestrado.

<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/7634/DissABI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acessado 27 nov. 2023.

Indalécio, Anderson Bençal; e Campos, Douglas Aparecido de. *Reflexões sobre o educar em um mundo nativo digital*. Fundação Educacional de Votuporanga, 2016.

Kenski, V. M. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. Campinas, SP: Papirus, 2007.

Kullock, Eline. *Foco em Gerações*, 2011,

<http://www.focoemgeracoes.com.br/index.php/por-que-as-geracoes-estao-no-nosso-foco/>. Acessado 08 maio 2024.

Kupperschmidt, Betty R. “*Multigenerational employees: strategies for effective management*”. *The Health Care Manager*, vol. 19, no. 1, 2000, pp.65-76, doi: 10.4172/2162-6359.1000528. Acessado 27 nov. 2023.

Lévi, Pierre. *As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 31, 1993.

Lévy, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Editora 34, 1999.

Lipovetsky, Gilles. *A sociedade da decepção*. Manole, 2007.

Luft, Celso P. *Ensino e aprendizado da língua materna*. São Paulo: Globo, 2000

Luft, Celso. P. *Língua e Liberdade*. São Paulo: Ática, 2002.

Maffesoli, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Forense- universitária, 1998.

Marcuschi, Luiz Antônio. *Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital*. In: Marcuschi, Luiz Antônio; Xavier, Antônio Carlos. *Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

Marcuschi, Luiz Antônio. In Dionísio, Ângela Paiva; Machado, Anna Rachel; Bezerra, Maria Auxiliadora. (Orgs.). *Gêneros textuais e ensino*. 3 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

Moura, Adelina. *Geração móvel: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a “Geração Polegar”*, 2009, Universidade do Minho, Centro de Competência, [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10056/1/Moura%20%282009%29%20Challen ges.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10056/1/Moura%20%282009%29%20Challen%20ges.pdf). Acessado 27 nov. 2023.

Novelli, Valéria Aparecida Moreira; et al. “*Mediação da informação: usuários gerações veteranos, baby boomers, x, y e z*”. Anais do 16, Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias, UFRJ, 2010.

Oliveira, Sidnei. *Geração Y: o nascimento de uma nova versão de líderes*. Integrate Editora, 2010.

Palfrey, John; e Gasser, Urs. *Nascidos na Era Digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais*. Tradução de Magda França Lopes. Artmed, 2011.

Passarelli, Brasilina; et al. “*Os nativos digitais no Brasil e seus comportamentos diante das telas*”. Matrizes, vol. 8, no. 1, 2014, pp. 159-178, doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v8i1p159-178>. Acessado 27 nov. 2023.

Penso, Ana. *Como a geração Z pode nos fazer mudar?* 2020, <https://ofuturodascoisas.com/como-a-geracao-z-pode-nos-fazer-mudar/>. Acessado 01 jul. 2023.

Pereira, S. L. *Introdução à Inteligência Artificial*. 2018. Disponível em: <https://www.ime.usp.br/~slago/IA-introducao.pdf>. Acesso em: 28 abril 2023.

Perini, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

Picão, F. F. et al. *Inteligência Artificial e educação: como a IA está mudando a maneira como aprendemos e ensinamos*. Revista Amor Mundi, v.4, n.5, p.197–201. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v4i5.254>.

Possenti, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1996. (Coleção Leituras no Brasil).

Rangel, Maysa Fagundes Pereira. *Comportamento infantil contemporâneo: características da geração “Alpha” da perspectiva dos pais*, 2020, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), Dissertação de Mestrado, <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/23350/2/Maysa%20Fagundes%20Pereira%20Rangel.pdf>. Acessado 27 mai 2024.

Rheingold, Howard. *Smart mobs: the next social revolution: transforming cultures and communities in the age of instant access*. Perseus Books, 2003.

Rich, E.; Knight, K. *Inteligência Artificial*. 2. ed. São Paulo: Makron Books, 1994.

Santaella, L. *O novo estatuto do texto nos ambientes de hipermídia*. In: Signorini, Inês et al (Org.). [Re]discutir texto, gênero e discurso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

Santaella, L. *Cultura das mídias*. São Paulo: Experimento, 1996.

Santi, Diego Grahl de. *Efeitos da participação orçamentária, ambiguidade de funções e conflito de papéis sobre a justiça organizacional na percepção dos diretores executivos das gerações x, y e z*, 2019, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Dissertação de Mestrado.

Santos, Cristiane Ferreira dos; et al. *O processo evolutivo entre as gerações X, Y e Baby Boomers*, 2011, http://www.professores.uff.br/screspo/PSI_P2_artigo9.pdf. Acessado 28 nov. 2023.

Santos Neto, Franco “*Os professores e os desafios pedagógicos diante das novas gerações: considerações sobre o presente e o futuro*”. *Revista de Educação do Cogeime*, vol. 19, no. 36, 2010, pp. 110-25, doi: <http://dx.doi.org/10.15599/0104-4834/cogeime.v19n36p9-25>. Acessado 28 nov. 2023.

Sbcoaching Group. *As gerações e suas formas de aprender*, 2019, <https://www.sbcoaching.com.br/blog/conflitos-entre-geracoes/>. Acessado 01 maio 2024.

Schneuwly, B.; Dolz, J. *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.

Sgarbosa, P.; Del Vechio, G. H. *Inteligência Artificial e suas implicações: como os dispositivos inteligentes e assistentes virtuais influenciam o cotidiano das pessoas*. *Revista Interface Tecnológica*, v. 17, n. 2, p. 193-205, 2020.

Silva, M. G. M.; Gonsales, P. *Possibilidades de IA na educação*. São Paulo: IBM. 2018. Disponível em: <https://www.ibm.com/ibm/responsibility/br-pt/downloads/e-book-IA-na-educacao.pdf>. Acesso em: 10 abril 2020.

Soares, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. *“Alpha”betização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2002.

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Minas Gerais: Autêntica, 2005.

Sodré, M. *Sobre a episteme comunicacional*. *Revista Matrizes*, n. 1, out. 2007

Souza, Socorro Cláudia Tavares de. *As formas de Interação na internet e suas implicações para o ensino de Língua*. In: Ensino e Internet: Novos gêneros, novos desafios. Rio de Janeiro – RJ, 2ª ed. – Singular, 2009.

Souza, C. A.; Pauli, S. *A nova era da inteligência artificial e o futuro do trabalho*. Revista Fonte: Tecnologia da Informação na Gestão Pública, Minas Gerais, 14(17), 77-83, 2017.

Tapscott, Don. *A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos*. Agir Negócios, 2010.

Travaglia, L. C. *Teoria lingüística e ensino: da necessidade de trabalhar com a signifi cação no ensino de língua materna* In: _____. Língua portuguesa em calidoscópio. v. 1. São Paulo: EDUC, 2003.

Veja como a geração “Alpha” vai influenciar o nosso comportamento. Consumidor modern, 2019, <https://www.consumidormoderno.com.br/2019/05/08/geracao-Alpha-comportamento/>. Acessado 04 abr. 2024.

Xavier, A. C. *Letramento digital e Ensino*. In: “Alpha”betização e Letramento. CEEL, 2005.

Young Adult Library Services Association. *The Future of library services for and with teens: a call to action.*, 2014, http://www.ala.org/yaforum/sites/ala.org.yaforum/files/content/YALSA_nationalforum_Final_web_0.pdf. Acessado 13 maio 2024.

Zaninelli, Thais Batista; e Santos Neto, João Arlindo. *Uma análise da evolução cultural no processo de inovação no contexto das bibliotecas universitárias*. Anais do Fórum de Inovação e Empreendedorismo na Biblioteconomia, 2017.

Zilles, A.; Faraco, C. (Org.). *Pedagogia da variação linguística: língua, diversidade e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.